



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

LUYANA ADRIELLE ALMEIDA LADISLAU

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO: Uma
Autoetnografia sobre Educação Mediúnica por vias Espiritualistas**

BRASÍLIA

2018

LUYANA ADRIELLE ALMEIDA LADISLAU

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO: Uma
Autoetnografia sobre Educação Mediúnica por vias Espiritualistas**

Monografia apresentada na Universidade de
Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Ciências
Sociais com habilitação em Antropologia.

BRASÍLIA
2018

LUYANA ADRIELLE ALMEIDA LADISLAU

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO: Uma
Autoetnografia sobre Educação Mediúnica por vias Espiritualistas**

Monografia apresentada na Universidade de
Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Ciências
Sociais com habilitação em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Doutor Henyo Trindade Barretto Filho
(orientador) - Departamento de
Antropologia – UnB

Doutora Soraya Resende Fleischer
Departamento de Antropologia

Dedico à minha mãe, aos meus Mentores

Espirituais e ao meu orientador;

Luziana, Pai Benedito,

Vovó Damiana e Prof. Henyo

Por toda afeição e paciência.

*É no balanço das águas
Que vou me limpar
É nas profundezas das águas
Que vou me encontrar
Nas águas de Yemanjá
Odoiá, Odoiá*

Gláucia Fernandes, 2017

*A força que mora n'água
Não faz distinção de cor
E toda cidade é d'oxum
É d'oxum aiáíaiáíá,
É d'oxum ô, é d'oxum*

Gerônimo & Vevé Calazans, 1953

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente às forças das águas doces e salgadas, Mãe Yemanjá que me acompanha desde o berço.

À minha mãe, Luziana de Jesus Almeida, pela proteção, preocupação, dedicação e carinho, que apesar dos nossos conflitos e diferenças ideológicas sempre acreditou nas minhas potencialidades.

À Fraternidade Fonte de Luz, em especial às instrutoras Flávia e Maíra, sem as quais eu jamais teria conhecido a mediunidade e a elaboração desta dissertação seria impossível.

As voluntárias e voluntários do CVV Brasília por todo carinho e compreensão. “A filosofia do CVV é para a vida toda”.

Ao meu companheirinho de jornada, Mr. Darcy, que repousava madrugadas a dentro nos meus ombros enquanto eu redigia.

Ao professor Henyo Trindade Barretto Filho não tenho palavras para expressar a minha gratidão por todo apoio e confiança. Namastê.

RESUMO

A presente dissertação tem como propósito mostrar, através da autoetnografia, camadas reflexivas sobre autoconhecimento e educação mediúnica com base em teorias e práticas espiritualistas. Dentro desse contexto, propõe-se um estudo através de uma experiência individual de formação mediúnica dentro da Fraternidade Espiritualista Fonte de Luz. A educação mediúnica e o autoconhecimento são as bases do trabalho mediúnico dentro da fraternidade. A mediunidade é tida como natural e espontânea, sendo que todos somos médiuns em maior ou menor grau, portanto a educação mediúnica é de cunho pessoal, individual e de longa duração. Vinculado à educação mediúnica está, por entre linhas, a “cura ” através do autoconhecimento. A busca por conhecer a si mesmo da qual reverbera no equilíbrio do corpo físico e da alma.

Palavras-chave: educação mediúnica; autoconhecimento; autoetnografia; espiritualidade; cura.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1: SER SOCIAL, SER CULTURAL E SER EU	
1.1. Espelhos e reflexos	14
1.2. A antropóloga e a nativa: onde começa uma e termina a outra?	26
1.3. Construção da subjetividade do ser “EU”	33
Capítulo 2. DESCOBRINDO O TODO AO CONHECER A MIM MESMA: a minha educação mediúnica dentro da Fraternidade Fonte de Luz	38
Capítulo 3: MEDIANEIROS E MEDIUNIDADES	
3.1. Fenômenos da alma a fenômenos mediúnicos: animismo, mediunidade e medianímico	48
3.2. Dentro da corrente mediúnica: mediunidade de parceria	53
Capítulo 4: PELAS ENTRELINHAS DA CURA ESPIRITUAL	
4.1. Constituição dos corpos, chakras e desdobramentos múltiplos	60
4.2. Apometria: terapeutização das consciências encarnadas e desencarnadas	72
Considerações Finais	77
Referências	79

INTRODUÇÃO

A delimitação de campo para esse projeto foi feita por causa da minha associação à Fraternidade Espiritualista Fonte de Luz desde maio de 2017, mantendo vínculo como aluna do curso de mediunidade.

A fraternidade fica localizada 714/715 Norte de Brasília e promove palestras de abordagem holística sobre o ser humano em que dialoga com conceitos espiritualistas, também ofertando tratamento físico-espiritual ao público gratuitamente.

A Fonte de Luz, segundo suas próprias diretrizes, é uma filantropia e entidade civil sem fins lucrativos que proporciona estímulo e ensinamento; caridade; criação e manutenção de cursos com educação e orientação mediúnica; educação e desenvolvimento de estudos espirituais, filosóficos e científicos com a finalidade de propiciar canais internos de comunicação com a Força Criadora e/ou aprendizados das leis superiores que governam a vida terrestre.

Dentro desse contexto, proponho um estudo sobre a minha experiência de formação mediúnica dentro da casa e de como meu percurso por lá auxiliou no meu processo de “cura”. Com a minha atuação junto à fraternidade, ficou expressa a eterna busca pelo autoconhecimento e como esse processo comunga com a realidade espiritual.

A averiguação e a apreensão das práticas mediúnica na Fonte de Luz foram realizadas através da minha vivência enquanto “médium em treinamento”. O curso de mediunidade foi estruturado em dois módulos: o primeiro módulo, de maio até dezembro de 2017; e o segundo módulo, de fevereiro até julho de 2018. A ementa do curso teve como base dois livros: *Aruanda: magia negra, elementais, pretos-velhos e caboclos sob*

a ótica espírita de Robson Pinheiro, para o primeiro módulo; e *Diversidades dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade* de Hermínio C. Miranda, para o segundo módulo.

Como fiz parte por muito anos da vertente cristã católica romana, envolver-me com práticas de cunho espiritualista acarretou diversos questionamentos e abriu meus olhos para um campo de possibilidades. Até então eu considerava minhas crenças católicas como verdades imutáveis. Fazer parte da Fraternidade levou-me a remodelar todas as convicções de uma vida para integrar um “mundo novo”. Outra inquietação da pesquisa é a ideia de autoconhecimento, o estudo por meio da introspecção para o equilíbrio do corpo e mente.

Para mergulhar de uma só vez dentro de mim, utilizei a autoetnografia como instrumento de reflexão e pesquisa.

As palavras de Peirano (2008) elucidam a fluidez do campo etnográfico, no qual objeto e pesquisadora de misturam. Nesse caso, eu serei literalmente o “objeto” de pesquisa. Nenhum aspecto do campo, da pesquisadora e do objeto é estático, pois eles se fundem e transformam-se mutuamente. Como qualificar a pesquisa quando pesquisadora e objeto de pesquisa são os mesmos?

Ver-me enquanto camadas reflexivas foi uma saída. Fabiene Gama (2017) apresenta a autoetnografia como composta por múltiplas camadas reflexivas, pois “trata-se de uma metodologia altamente corporificada, reflexiva e emotiva” (GAMA, 2017, p.4).

Santos (2017) entende a autoetnografia como vertente da etnografia que busca usar a experiência do pesquisador na descrição crítica de práticas e crenças culturais, visando uma profunda e sistemática autorreflexão.

Bonetti (2006) fala como o deixar sentir também é um método de pesquisa: a análise qualitativa do sentir e do deixar sentir – o que não reduz o teor de importância da pesquisa etnográfica. No campo da mediunidade, espiritualidade é imprescindível, daí a observação do sentir. Muitas das práticas mediúnicas me afetam tanto emocionalmente quanto fisicamente.

A autoetnografia é uma ferramenta de análise qualitativa derivada da etnografia, uma sofisticação metodológica que proporciona um olhar mais profundo para questões socioculturais nas quais as pesquisadoras estão inseridas. Pesquisas autoetnográficas enriquecem o campo da antropologia, mostrando que é possível fazer antropologia pelos olhos de dentro e não apenas um por agentes externos. Adams, Elias e Jones (2013) classificam a autoetnografia em quatro abordagens analíticas:

(1) imaginativo-criativa: representa o tipo mais inovador e experimental, publicações neste estilo têm incorporado poesia e diálogos performativos baseados na autobiografia dos pesquisadores; (2) confessional-emotiva: diferente da escrita convencional e científica, esta abordagem busca expor detalhes que provocam reações emocionais nos leitores; (3) realista-descritiva: este estilo busca descrever a experiência do pesquisador por meio de uma narrativa, integrando detalhes que auxiliam o leitor a reconstruir em suas mentes a realidade descrita; (4) analítico-interpretativa: é uma abordagem acadêmica típica comum na pesquisa em ciências sociais, que tende a suportar a análise e a interpretação sociocultural. (ADAMS, ELIAS e JONES, 2013)

Considerando a classificação dos autores, eu mesclo, na escrita, o imaginativo-criativa, a confessional-emotiva e a realista-descritiva.

Esta dissertação está organizada e estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz aspectos da minha trajetória entre 2012 até 2018, articulados com teorias das ciências sociais, sobre a minha constituição enquanto indivíduo e os vários significados do “EU”. Aqui serão expostos acontecimentos da minha vida e questionamentos que fiz a mim mesma dentro graduação de em antropologia. Utilizarei um conto literário para

expressar a minha tensão sobre o que é ser ou não antropóloga. Por fim, antes adentrar nos “domínios espiritualistas”, irei apresentar conceitos sobre o significado de pessoa dentro das ciências sociais, pois para compreender melhor o significado de autoconhecimento dentro da casa, é necessário entender os múltiplos significados de ser “EU”.

O segundo capítulo é voltado para minha experiência de formação mediúnica dentro do espiritualismo da Fraternidade Fonte de Luz e de como os significados de EU, abordados no capítulo um, estão imbricados na formação mediúnica dentro da fraternidade. No terceiro capítulo, por meio dos processos observados a partir da minha vivência dentro da casa, descrevo a mediunidade por via espiritualista praticada na Fonte de Luz, focando principalmente na prática da mediunidade como instrumento de apoio ao “autoconhecimento”. Abordo também conceitos de animismo, mediunidade e medianímico e a utilização dos fenômenos medianímicos dentro das atividades realizadas na fraternidade.

O quarto capítulo será uma forma de condensar os aspectos da construção da minha subjetividade dentro da educação mediúnica e como isso reverbera na minha prática apométrica realizada dentro da fraternidade e na autocura. Para compreender como funciona o processo da cura, é preciso entender o corpo pela ótica espiritualista. Entender o corpo é parte do autoconhecimento. Para auxiliar no processo de auto cura, a casa realiza o trabalho de mesa apométrica. A apometria é um conjunto de técnicas terapêuticas que equilibram “os corpos” e também as consciências desencarnadas (espíritos).

Ao longo do texto desta dissertação a leitora ou o leitor irá encontrar discrepâncias de gênero textual e tempo verbal. Eu escrevo tanto no feminino quanto no masculino,

para que meu alter ego, chamado Lay Lee, se sentisse confortável em usar pronomes femininos e masculinos. Acabei por descobrir isso como uma característica da minha escrita literária. O tempo verbal oscila em ziguezague entre o passado, o presente ou o futuro, principalmente porque alguns sentimentos dos passados ainda ressoam no presente e interferem no futuro.

Capítulo 1: SER SOCIAL, SER CULTURAL E SER EU

O primeiro capítulo irá esmiuçar detalhes da minha trajetória anteriores e conjuntos à minha formação acadêmica no curso de Ciências Sociais na UnB. Será dedicado à descrição “confessional-emotiva” de aspectos da minha vivência, assim como relatos abordando pontos significativos na minha vida. Também esboço um diálogo teórico-reflexivo da noção de pessoa utilizando alguns autores e autoras da antropologia.

1.1. Espelhos e reflexos: meu local de fala

Minha cara leitora ou caro leitor, concedo-lhe neste estudo peças do quebra-cabeças que compõem a minha psique. Nas linhas a seguir, falarei sobre as minhas experiências de vida entre 2012-2018 e de como utilizo a antropologia para compreendê-las.

Foi uma longa jornada para eu chegar até esse momento, mas aqui estamos. Então vamos lá?

Para eu contar essa história, voltamos seis anos atrás. Época na qual eu era aspirante a sereia. Sereia? Sim, sereia. Até meus 16 anos de idade, eu estava convicta da ideia de tornar-me uma sereia. A adolescência é um período complicado. Eu desejava a todo custo entender qual a finalidade da minha existência. Como eu sempre me identifiquei com a figura mitológica das sereias, pois são seres indecifráveis, metade humano e outra metade animal, o que as torna místicas e belas e, ao mesmo, tempo hostis e horrendas. Eu não compreendia quem ou o que eu era, que foi mais simples me entender como uma sereia. Veja bem, eu sou filha mais velha de uma família em situação de

vulnerabilidade socioeconômica¹. Minha realidade não era fácil e eu aspirava sonhos que todos à minha volta diziam que eu jamais poderia alcançar. Tratavam meus sonhos como as asas de pássaros em cativo, cortando-as rente ao corpo para nem tentarem voar. Porém, eu não era uma ave e sim um peixe, jamais deixei que cortassem minhas nadadeiras.

Eu sonhava com uma vida melhor e a educação foi me apresentada como a forma de romper com as barreiras da pobreza, tanto intelectual quanto monetária. Sempre uma leitora voraz e de imaginação fértil, nunca me permiti abater pelas dificuldades. Na minha infância, eu não entendia muito bem porque tantas tormentas feriam meu seio familiar², porém nunca perdi a esperança de ser alguém.

Afinal de contas o que é ser alguém?

Voltando aos meus 16 anos, em uma manhã de verão na Bahia...

Ir à praia de anos em anos era o apogeu da minha felicidade. Minha família materna mora na Bahia e minha mãe juntava suas suadas economias para levar eu e meu irmão ao litoral baiano. Podíamos ficar apenas alguns dias, mas eram os melhores dias. Em umas dessas idas ao litoral, lá estávamos em Cabo Sul. Minha família se divertia na praia e eu, escondida, fui até uma lan house fazer minha inscrição para o ProUni no curso de Oceanografia. Eu já havia prestado vestibular para outras instituições universitárias

1 “Carneiro e Veiga (2004) definem vulnerabilidade como exposição a riscos e baixa capacidade material, simbólica e comportamental de famílias e pessoas para enfrentar e superar os desafios com que se defrontam. Portanto, os riscos estão associados, por um lado, com situações próprias do ciclo de vida das pessoas e, por outro, com condições das famílias, da comunidade e do ambiente em que as pessoas se desenvolvem.” (JANCZURA, 2012, p. 304)

2 O alcoolismo de meu pai, episódios de violência doméstica, etc.

em cursos mais cotados no mercado de trabalho, por exemplo, engenharias, administração, etc. Como eu desejava ser uma sereia juramentada, ter uma graduação em Oceanografia era a opção viável. Entretanto, quando eu comentei aos meus familiares minha vontade, recebi enxurradas de frases desmotivadoras: “Isso é curso de rico.” “Quem vai sustentar você enquanto você estuda?” “Você tem que trabalhar e não estudar.” Perante esses incentivos, fui lá fazer escondida minha inscrição. Eu não tinha nota alta para passar, mas essa inscrição era meu tesouro pirata guardado a sete chaves.

Eu queria ser sereia para tornar-me gente. O que é ser gente?

Não passei nas outras universidades e esqueci de conferir o resultado do ProUni. Parei de sonhar, acordei e despertei para a realidade de recém-formada do ensino médio de escola pública sem formação profissional, ou seja, nem trabalho e nem estudo.

Aí, em uma tarde primaveril, eu recebi a ligação da instituição em que me inscrevi através do ProUni. Estavam me procurando para saber quando eu efetuaría minha matrícula em Oceanografia e que tinha até dois dias para fazer isso.

WHAT?!

Nunca vi na minha vida a faculdade ligar na sua casa para saber se e quando você vai efetivar a matrícula. O choque foi instantâneo e me vi num quadro de alegria estarrecida. Porém, existiam diversos fatores que impossibilitavam minha matrícula: a faculdade era no Sul do Brasil e eu morava em Águas Lindas de Goiás; como eu tinha que chegar no outro dia, ZERO eram as condições de custear uma viagem de avião e bancar uma vida universitária em outro estado onde não conheço ninguém.

Resumindo essa parte da história, eu ganhei uma fada madrinha chamada mãe, que se endividou até o pescoço para possibilitar a realização do meu sonho. Até soa como desfecho “happy ending” desses contos dos Grimms. A vida, caprichosa como ela, tem suas sinas a cumprir e finais felizes ficam apenas para os filmes encantados.

Uma nova realidade se abria diante dos meus olhos, mas velhos inimigos vêm cobrar suas dívidas. Com a ingenuidade da adolescência, eu pensava que as portas da liberdade estariam abertas para mim, afinal era pela educação que essa sereia aqui ganharia os mares. Talvez estivesse impresso na minha cara que eu não pertencia aquele lugar. Não entrarei em muitos detalhes de como foi meu curto período estudando oceanografia. Mas lá eu sofri preconceitos raciais e de classe, xenofobia, e por aí vai. Vivenciei o significado de “isso é curso de rico.” Nesse tempo, eu não sabia, mas fui vítima de violência moral³.

Eu não conseguia pedir ajuda. Ao meu ver, a culpa era minha. De algum modo eu ofendia as pessoas com a minha presença: meus modos grosseiros a la nordeste brasileiro e minha pele com melanina machucavam os padrões brancos elitistas do sul. Eu pensava que se aguentasse calada mesmo, tudo aquilo iria passar. Se minha alma permanecia resignada, meu corpo gritou e bem alto para quem quisesse ouvir. Chegou à minha porta a depressão seguida de sua amiga automutilação. Já não conseguia comparecer às aulas e minhas notas despencaram. A bolsa ProUni escorria por entre meus dedos como areia e eu mesma cortei minhas nadadeiras.

3 O 7º artigo da Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, define como violência moral conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Na minha cabeça repassa a faixa de vinil arranhado, agora sei que nada sou, mas ainda continuo tentando entender quem sou? O que é esse corpo machucado e o que é essa alma triste e ferida?

O tão almejado sonho tornou-se o mais temido pesadelo.

Voltei para os braços da minha querida mãe, que em seus carinhosos silêncios emanam compreensão e aconchego. Voltar ao ninho foi a pior coisa a fazer, pois não era pesadelo e sim fato consumado. Deixe para trás a minha tão amada esperança de futuro melhor e regressei para o Cerrado, que mesmo áspero ainda tem sua beleza.

Por meio da minha vivência acabei criando a percepção que “filhas e filhos” nascidos em situação de vulnerabilidade social não têm tempo para chorar ou curar feridas. O tempo urgia e eu deveria tomar um rumo para ser gente perante a vida.

Catei meus cacos e coloquei na trouxinha por cima dos ombros.

Passados dois anos, ingressei em Ciências Sociais na Universidade de Brasília no 1/2014. Era a vida dando-me uma nova chance. Escolhi o curso com base na disponibilidade de vagas e na nota de corte: “por essa brechinha aqui eu consigo”. Entrar para UnB não foi tarefa fácil e mais uma vez os mesmos estímulos: “Isso é curso de rico.” “Quem vai sustentar você enquanto você estuda?” “Você tem que trabalhar e não estudar.” Esses questionamentos, para mim um tanto clichês, ainda eram ativos participantes da minha trajetória. Para estudar na UnB, a aluna precisa de uma estrutura propícia para tal empreendimento. É um local que demanda muito de suas alunas. Enquanto eu estudava, necessariamente alguém trabalhava arduamente para manter-me. Entretanto, eu já esgotara minhas oportunidades em Oceanografia. Eu agora, dentro da

minha família, só era mais um fardo a carregar que almeja demasiadamente existir. Implorei aos céus com o resto de forças que dispunha: “por favor permitam que eu estude e eu quero ser gente.”

A contragosto, me foi concedido o direito aos estudos. Ufa! Será que agora vai?

Não estava indo. Elite é elite em qualquer lugar. Assim como minha presença incomodava no Sul, na UnB não foi diferente, talvez com acréscimos de rótulos. A cada dia eu enxergava que a faculdade não era para mim.

Eu não ia desistir da UnB, pois era a minha última possibilidade de ser alguém. Essa sereia iria nadar nas águas rasas e secas do Cerrado. Agarrei-me ao curso de Ciências Sociais como um náufrago à tora de madeira.

Iniciei a graduação completamente destruída psicologicamente e o meu físico foi definhando com a rotina da universidade. Residia a mais de 30 quilômetros da UnB, os horários de aula eram entre 8 da manhã e 18 horas da noite, mas essa janela era estendida entre 5 horas e 21 horas, contabilizando o tempo de ida e volta para casa. Meu ambiente familiar completamente nocivo: a todo momento era lembrado pelo fardo em que me converti. O cotidiano universitário da UnB destruiu o que já estava em frangalhos; eu persistia inanimada.

Em meados de 2015 eu comecei a planejar meu suicídio: já que a educação não me transformava em gente, talvez a morte me transfigurasse.

Paralelo à minha vida universitária e familiar, eu via a religião como refúgio. Naquele tempo, eu era católica praticante. Como eu estava afundando mais a cada dia, fui

buscar orientação e consolo na igreja, pois até aquele instante era um porto seguro. Parece estranho eu ter ido pedir ajuda na igreja e não ter recorrido a serviços psicoterapêuticos e psiquiátricos. Vou falar algo que ficou explícito nas minhas experiências. Não é permitido ao pobre ter depressão: isso é doença de rico, frescura e outras coisas mais. Ir atrás de ajuda significava admitir mais uma derrota. Se já sou um fardo como estudante, imagina como estudante doente.

Quando eu precisei de ajuda, o porto seguro desmoronou. *À bientôt*. A Igreja Católica Apostólica Romana NÃO TEM espaço para pensamentos suicidas. “Falta de Deus na sua vida, minha menina. Siga o exemplo de Jesus: foi crucificado e continua feliz.” Eu perdi o chão e caí no precipício sem fundo.

E agora? Quem sou? O que sou? Qual minha finalidade?

Não sou estudante condizente com os requisitos UnB de qualidade, na minha família sou o fardo e na minha religião um assunto proscrito. Aqui eu já não era mais uma sereia, quiçá uma bruxa na fogueira da inquisição, fogueira essa que, mesmo em chamas, não ardia em cinzas.

Nesse tumulto todo, por intermédio de uma pessoa, tive contato com a Fraternidade Espiritualista Fonte de Luz e assisti uma palestra sobre auto-obsessão. Certeza que o palestrante fez seu material inspirado em mim. Era o conteúdo feito sob medida. Não resolveu meus problemas, todavia me senti melhor por saber desse novo local.

Em segredo eu estava planejando com detalhes meu suicídio, só aguardando o momento oportuno para realizá-lo. Uma parte de mim ainda tinha esperança de sair de

toda essa situação e acordar do pesadelo. Eu não desejava morrer, porém viver dessa maneira era doloroso demais.

Já na reta final da graduação, em meados de 2016, emendei meu PIBIC⁴ com a perspectiva de uma dissertação voltada para a transição agroecológica em assentamentos do INCRA em Mambaí no interior do Goiás. Esse PIBIC foi orientado pela maravilhosa professora Ruth Elias Laranja do Departamento de Geografia na UnB, entre 2016/2017. Foi através dela que tive contato com as comunidades do Assentamento Paraná e Capim de Cheiro. Apresentei no primeiro semestre de 2017 a posposta do PIBIC ao professor Henyo como projeto de dissertação em antropologia.

A análise que meu projeto de dissertação e de PIBIC propunha seria realizada etnograficamente. Estar em campo a primeira vez foi uma experiência incrível. As pessoas dos assentamentos me trataram como parte da família e a realidade social dos jovens era igual à minha de anos atrás: jovens considerados pobres buscando seu lugar ao sol, apesar das adversidades.

Ao repensar essa parte da minha trajetória acadêmica em antropologia, na construção do meu antigo objeto de TCC⁵ e a escrita desta dissertação, utilizo a palavra CRISE para caracterizar esse percurso. A minha CRISE interna me distanciou da prática e dos estudos agroecológicos com um grande abismo. Com uma análise bem superficial, vejo que a palavra crise está no boca a boca do povo⁶, demonstrando as inquietações e

4 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

5 Transição agroecológica em assentamentos do INCRA.

6 O sentido que atribuo para “boca a boca do povo” é o repertório de conversas corriqueiras em qualquer esfera social, tanto através do discurso oral, quanto por conversas em mídias sociais.

preocupações nas mais diversas áreas. Nos referimos à Crise na Educação, Crise na Política, Crise na Saúde, Crise na Segurança, Crise na Economia, Crise Climática, Crise Ambiental e por aí vai, ou seja, está tudo em crise.

Ao pesquisar o significado de CRISE no Google, me deparei com oito definições diferentes. Talvez até a crise esteja em crise quanto ao seu significado. A primeira e a segunda definições estão ligadas ao momento de saída da estagnação de uma doença para melhor ou pior; o terceiro ao sétimo significados mencionam estado de desajustes emocionais e sentimentais; e o oitavo está relacionado com estágios de transições entre surtos de prosperidade e escassez.

Tanto nas minhas leituras sobre agroecologia quanto na minha participação no CBA⁷, a palavra crise surgia em algum momento. Jalcione Almeida⁸ utiliza nove vezes a palavra crise no prefácio da quinta edição do livro *Agroecologia* de Miguel Altieri⁹. Na obra de Altieri em si não é utilizada em muitos momentos a palavra crise, porém, os sentidos de crise estão nas entrelinhas da obra. A agroecologia como opção para superação das crises também está firmada nas minúcias dos discursos de diferentes pessoas que estão envolvidas de algum modo com a perspectiva agroecológica. Entretanto, os discursos sobre a importância da agroecologia partem de pessoas que optaram por um estilo mais alternativo em detrimento ao padrão classe média/média-alta da sociedade convencional. Paralelamente aos meus estudos acadêmicos voltados para a

7 VI Congresso Latino-americano de Agroecologia, X Congresso Brasileiro de Agroecologia e V Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno em setembro de 2017.

8 Docente e pesquisadora permanente nos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e em Sociologia da UFRGS.

9 Grande teórico da agroecologia.

agroecologia, eu me concentrava na literatura espírita e espiritualista no curso de mediunidade ofertado pela Fonte de Luz.

Pegando o sentido de crise por um lado mais empreendedor, é da crise que surge a oportunidade. É intrigante pensar que pela crise surgem mecanismos de saída da estagnação para a movimentação. A minha crise foi o gatilho para eu sair da inércia nos estudos agroecológicos e seguir agindo em outro campo de estudos diferente: minha educação mediúnica.

Atrevo-me a formular uma conjectura básica sobre minha experiência prática e reflexiva voltada para os estudos agroecológicos:

CRISE + OPORTUNIDADE FRUSTRAÇÃO + AÇÃO = AGROECOLOGIA

Não vou adentrar nos pormenores das palavras Oportunidade e Ação, pois CRISE foi mais significado em termos de possibilidade de exercícios reflexivos. Entretanto, OPORTUNIDADE mediou meu raciocínio quanto a um episódio em particular.

No CBA eu acompanhei alguns jovens, filhos de agricultores dos assentamentos agrícolas em Mambaí, durante a movimentação deles pelo congresso. Quando eu não estava acompanhando esses jovens, encontrava-me trabalhando com crianças em atividades pedagógicas no espaço da Ciranda.

Entre esses jovens havia o Gabriel, rapaz de dezessete anos de idade que, segundo ele, prefere trabalhar na roça do que estudar. Não sei as condições sociais que fomentaram a escolha de Gabriel, porém percebi que o mesmo possui incrível sagacidade, um olhar atento e vontade de fazer acontecer. Na conversa que tive com esse jovem, disse-me que não gostava da escola porque não era um ambiente que proporcionasse estímulos interessantes, pois para ele era muito mais útil ficar no assentamento com seus amigos e

trabalhar com familiares. Gabriel também tem o interesse de trabalhar para formar sua própria família.

Em dois momentos oportunos presenciei Gabriel expondo sua personalidade e habilidade durante o congresso. Eu estava assistindo uma roda de capoeira que acontecia no intervalo do congresso. Gabriel surge, pede passagem aos capoeiristas da roda e começa a jogar capoeira como se fosse parte daquele grupo de capoeira há anos. Eu pergunto, quando ele sai da roda, se conhecia as pessoas de lá e onde aprendeu capoeira. Responde-me que não conhecia as pessoas e não praticava capoeira há muito tempo. O segundo momento foi Gabriel brincando na Ciranda com a alegria de uma criança e maravilhado com o ambiente de jogos e instrumentos musicais recicláveis.

Outra jovem me sensibilizou bastante quando me confidenciou que estava cansada de tantos estudantes da UnB, pois quando eles visitavam o assentamento, qualquer coisa que ela falava sobre sua vida cotidiana eles pareciam abobados e dementes. Ela disse que quando me viu pensou, “mais um desses idiotas”, porém ela mudou de opinião sobre mim por causa do meu modo de falar e agir: era de como um “ser normal”, segundo as palavras dela.

Sinceramente, não sei se somos parecidas, ou se ela chegou a essa conclusão porque eu notei que ela e os amigos estavam mais interessados em andar de elevador e correr pelo congresso do que assistir palestras. Tanto que me juntei a eles nessas pequenas diversões.

No quesito assistir palestras no congresso, eu os acompanhei em uma sobre Juventude Camponesa e Agroecologia, porém eles não entendiam a maior parte das nomenclaturas usadas pelos palestrantes. Eu gravei parte da palestra e fui explicando com

uma linguagem mais acessível o conteúdo da palestra. Eles voltaram para seu estande com alguns agricultores mais velhos de Mambaí, todos felizes dizendo que eu falava melhor do que a palestrante sobre o assunto. Optei por explicar a palestra, pois notei um desconforto nos jovens por causa da complexidade da terminologia usada pela palestrante. Ela sugeriu que eles deveriam se acostumar com essa complexidade para um melhor entendimento. Eu fiquei com me questionando se era preciso mesmo. “Como podem se acostumar com uma complexidade que não fazia sentido para eles naquele momento?” Eu concordo que é necessário o contato daqueles jovens com o complexo léxico acadêmico, porém essas palavras deveriam ser assimiladas gradativamente, usando sinônimos do cotidiano deles; ou por que as palestras não podem ser mais acessíveis a todos? O vocabulário “pouco complexo” também é um reflexo da péssima educação proporcionada em escolas públicas de Goiás e eu sei disso, pois meu ensino fundamental e médio foi em uma escola pública no interior do Goiás.

Aconteceram inúmeros outros episódios que me deixaram inquieta e angustiada, tanto dentro do CBA quanto fora dele. Ok, mas o que tudo isso tem a ver com minha decisão de mudar de pesquisa? Vou chegar nessa parte.

Basicamente, eu me sentia incapaz de realizar uma pesquisa ética e satisfatória com foco na agroecologia. Todavia ao mesmo tempo que eu estudava agroecologia, eu me dedicava a participar e aprender sobre as perspectivas espíritas e espiritualistas até com mais empenho e interesse.

Porém, com meu emocional no lixo, somado às sessões de autopunição, enxerguei-me na posição de usurpadora se eu prosseguisse com a pesquisa no assentamento. Utilizando dos conceitos etnográficos para analisar uma realidade que não

era minha, eu me sentia imunda. Naquele instante, a minha pesquisa acabou para mim. Não é de modo algum um discurso de desmerecimento sobre conceitos etnográficos. Eu não estava sentindo-me segura para estudar esse campo. Eu não acreditava na minha capacidade de realizar tal projeto.

Ao lado das minhas obrigações e demandas na UnB, eu já no apogeu da minha dor na “alma” e lutando com meus planos de acabar com a minha vida. Em maio de 2017, retomei à Fonte de Luz para fazer o curso de educação mediúnica. Reconhecendo-me acolhida desde o meu primeiro contato, decidi embarcar nessa nova empreitada.

Foi através do curso de mediunidade que entrei em contato com a literatura espírita e espiritualista, encontrando assim o apoio emocional que eu precisava naquele momento. Devido à minha formação católica, eu sempre estudei esse lado espiritualista com um certo distanciamento, ao mesmo tempo tentando me encaixar. Ao deixar a pesquisa do assentamento, conversando com o professor Henyo sobre a minha decisão de abandonar a pesquisa anterior e tentar um novo caminho, pensamos na possibilidade de fazer um trabalho autoetnográfico com a minha experiência de educação mediúnica na Fonte de Luz.

A partir do segundo capítulo, meus aprendizados dentro da Fonte de Luz serão expressos em seus detalhes.

1.2. A antropóloga e a nativa: onde começa uma e termina a outra?

Minha entrada no curso de Antropologia foi um divisor de águas e para expressar essa nova realidade em que me inseri, eu escrevi um conto na tentativa de dar voz às

minhas angústias e aflições no decorrer do curso. Estou em triplos EUs para prover um olhar literário sobre os meus conflitos internos:

“EU mais EU vezes EU igual a EU

‘Por que estou nesse mundo? Quem se importa?! Tenho que levantar mesmo assim.’ Eram os questionamentos habituais que LuyanaEstudante se fazia ao acordar lá pelas 4:30 da manhã. De segunda a sábado, uma rotina certa que a tornava quase um robô pré-programado. Mesmo tendo as manhãs maçantes, ela abria a janela de seu quarto retangular a observar os céus da madrugada, em seus devaneios matinais, e pensava o quão especial era esse horário do dia. O silêncio dos momentos que antecedem o alvorecer, sem ruídos de animais, pessoas ou trânsito, não havia estrelas noturnas e nem raiar do sol. Atrevo-me a afirmar, esse era seu momento favorito do dia, mesmo sendo igual todas as amanhã, ainda assim não perdia seus encantos.

Apesar do começo comum, não era um dia comum, pois LuyanaEstudante se prepara para um encontro nada casual. Um compromisso muito do inusitado marcado para as 8hs da manhã na L2 Norte. Toma um baita banho gelado para despertar, degusta o chá quente de camomila e segue rumo à parada de ônibus. Trajada com camiseta branca e calça jeans, ela aguardava impacientemente o ônibus das 5:30, que insiste em aparecer às 5:50, entretanto quando ela atrasa 5 minutos ele passa às 5:25. Dentro do ônibus lotado, ela se arruma num local ao fundo do ônibus e entra no esconderijo mais próximo de sua mente, pensando que aquele veículo lotado de pessoas é apenas um pesadelo. ‘Nada vai me acontecer, um dia vou despertar’, ela refletia durante todo o trajeto. Como tem fobia social, pegar um simples ônibus era um grande martírio.

Ela chega ao local do encontro, um prédio típico da área central de Brasília, às 7:15; senta na entrada do edifício e retira de sua bolsa um livro de literatura e fica ali lendo até alguém aparecer. O livro era sua válvula de escape de tudo o que a cercava, sempre o carregava em sua bolsa, como um pequeno segredo, ou seu próprio sacrilégio. LuyanaEstudante era discente do curso de antropologia da Universidade de Brasília. Em seus primeiros semestres de curso, ela ouvia as pessoas da “academia” falarem com muito desdém sobre as “literaturas de massa”, porém ela nunca entendeu muito desse pensamento. Ler para ela era tão bom que nunca lhe passou pela cabeça rebaixar uma literatura em detrimento da outra. Então, ela sempre carregava em sua bolsa um livro da dita “literatura de massa” e o lia em seus momentos de solidão. Sabe aquela frase que diz você é o que faz quando ninguém está olhando? Pois bem, ela era uma leitora secreta e nem o sentimento de culpa a afastava do livro. Por mais louco que pareça, ela sentia culpa por ler literaturas fora do repertório bibliográfico dos clássicos da Antropologia.

Às 7:45 uma distinta moça trajada sobriamente com um vestido social de decote canoa, adentrou no prédio em direção à sua sala. Essa era a LuyanaTerapeuta. LuyanaEstudante admirava atentamente essa singular criatura tão elegante e discreta.

LuyanaTerapeuta aprendera em seus vinte três anos de vida a ser um indivíduo límpido e resignando, manter seu tom de voz firme e compreensível em momentos de euforia e, acima de tudo, carregar dignidade e nobreza em seu semblante. Sua gentileza a torna uma excelente ouvinte e conselheira. Hoje o seu dia seria diferente, fora designada para agir como mediadora num encontro entre duas pessoas que não conseguem conviver em paz uma com a outra. ‘Será experiência interessante’ pensa ela.

Após dez minutos, ambas estavam em uma mesma sala ampla aguardando LuyanaAntropóloga.

LuyanaAntropóloga era figurinha instigante, por assim dizer, tinha comportamento peculiar e vivia uma vida mansa para quem olhava d'fora. Usava roupas feitas de algodão cru, multicoloridas e multiétnicas. Todo seu vestuário refletia seus carimbos no passaporte. Conheceu vários países antes de completar duas décadas de vida, falava com fluência três idiomas e leu todos os clássicos antes de entrar no curso de antropologia. Possuía eloquência para expressar suas ideias e amava saraus, Uma perfeita e desconstruída boêmia cultural. Que isso fique aqui entre nós, por debaixo dos panos portava-se de modos preconceituosos e elitistas, mas nada que seu charme descolado não desse um jeito. Morava ali mesmo na Asa Norte, porém, para percorrer duas quadras, usava seu carro ecologicamente correto.

Às 8:15 chega na sala LuyanaAntropóloga, sorridente, desculpando-se pelo atraso, pois naquele horário o trânsito estava intenso. LuyanaEstudante contraiu o nariz com essa entrada. O cheiro típico de tabaco e naftalina, característico de moradores das Asas, impregnou a sala, na concepção dela. LuyanaTerapeuta suspirou refletindo sobre como essa conversa seria longa.

‘Sem mais delongas, estamos aqui para achar o ponto de equilíbrio em vocês duas. Duas pessoas com personalidades tão distintas precisam entender-se para conviverem pacificamente.’ Diz com seriedade e serenidade LuyanaTerapeuta.

‘Conviver pacificamente?! Você está de brincadeira comigo? Ela não sabe viver, quanto mais conviver. Pra ela eu sou apenas um ser estranho a que ajudará em suas

empreitadas etnográficas. Como podemos viver em pé de igualdade se ela me trata como estranha ao tentar se familiarizar com a minha realidade? É contraditório demais para fazer algum sentido.’ Desabafa com paixão LuyanaEstudante.

‘Eu necessito buscar meios para demonstrar como os nativos veem o próprio mundo, entender o enredo de suas pacatas vidas e suas sensações demarcadas no ambiente a volta deles. Ver como enxergam o cotidiano.’ Cantarola LuyanaAntropóloga em seus devaneios.

‘Mundo?! O máximo que irá conseguir é interpretar meus modos à sua maneira e sair por aí afora falando como se minha realidade fosse sua propriedade intelectual.’ Grita LuyanaEstudante com suas últimas forças.

‘Com meus insights transcritos no meu fiel caderno de campo darei conta da sua realidade social.’ Afirma LuyanaAntropóloga em sua inocência etnográfica.

‘Como diz Nietzsche “Deus está morto” e nós o matamos para colocar A Antropóloga no lugar.’ Alfineta LuyanaEstudante.

Esse debate se arrastou pelo resto da tarde, cada uma argumentando de acordo com os princípios que conheciam. Sem dar brecha para aprender com as diferenças, cada uma em sua redoma de bolha de sabão. LuyanaTerapeuta apenas assistia a confusão, pois ela sabia que na manhã seguinte dar-se-ia início àquela mesma discussão, que se repetia dia após dia.

[FIM]”

A LuyanaEstudante é uma parte minha forjada por sentimentos de auto-observação e desespero. Nasceu no dia 24/03/2014, meu primeiro dia como aluna da UnB. Me reconhecer como aluna de antropologia foi traumático e invasivo para mim. Não era o que eu desejava para minha vida profissional. A UnB não era a meta pós ensino médio, ou algo que no terceiro eu já tinha como ingresso garantido para participar. Era uma ilusão surreal, que nem nos meus melhores sonhos eu cogitava tal possibilidade. Fazer um curso diurno na UnB era automaticamente equivalente a ser sustentada por pais que não podem te sustentar: um peso morto pelos próximos cinco anos, na melhor das hipóteses, dentro da família. Eu estudar significa que alguém teria que trabalhar em dobro. Eu barganhei muito com a minha mãe para ela permitir minha entrada na Universidade de Brasília.

Eu não estava preparada para a UnB e nem ela para mim. Eu tinha a impressão que para ser uma aluna mediana em Antropologia eu deveria ser fluente em alemão, inglês, francês e latim. O espanhol não conta, pois os professores assumem que somos nativos em espanhol: OLÉ. Eu mal sabia o português padrão. Ter lido todos os clássicos da antropologia antes dos 15 anos e compreender muito de etnografia antes mesmo de saber o significado da mesma. Etnô o quê?

Pode parecer que eu queria moleza na faculdade, mas era nítido para mim que essa conduta era esperada por parte do corpo docente em relação à preparação dos alunos. Eu me esforçava o dobro que meus colegas de classe para conseguir superar essa disparidade. Para mim todos atendiam a esses requisitos, menos eu. Eu queria sumir e abanar tudo, porém eu não podia partir.

Como na frase, inspirada na obra *O Tempo e o Vento* de Érico Veríssimo: “fiar, chorar e esperar”.

LuyanaAntropóloga é uma caricatura de como representava, durante a graduação, os professores e colegas de curso. Uma imagem carregada de meus preceitos e inseguranças internas; porém, dentro da minha realidade psicossocial, só conseguia enxergá-los satirizando os padrões de comportamento que eu reconhecia entre eles.

A graduação em Antropologia estava muito distante da minha realidade, assim como minha realidade não estava preparada para uma graduação em antropologia. É estranho dizer: o que sempre ouvi é que filha de pobre não faz graduação de rico. Fui bombardeada com essa frase ao longo da minha graduação, gerando conflitos insolucionáveis dentro da minha cabeça. Não é espaço de pobre, mas estou aqui. E agora?

A LuyanaTerapeuta foi uma forma que encontrei para contrabalancear a minha parte LuyanaEstudante com a LuyanaAntropóloga. Ver todos ao meu redor pela perspectiva da LuyanaEstudante apenas causaria mais sofrimento e me paralisaria dentro do curso. Tive que aprender a conciliar os medos, preconceitos e inseguranças às responsabilidades acadêmicas de uma aluna de graduação para sobreviver. Eu morria os poucos cada dia.

Parece que nunca vai acabar, eu me destruir durante a graduação, mas estou tentando me reerguer aos poucos.

Eu sucumbi dentro da escuridão interna, dentro daquele subsolo lodoso com mariposas cinzas incrustadas nas paredes. Foi tentando me consertar naquele lugar que

perdi o resto de sanidade que tinha. Agora só resta dor, dor profunda que não consigo superar.

Hoje eu compreendo que não era minha culpa, mas ganhar um espaço que nenhum dos meus tinha tido antes feria as pessoas com privilégios e estas, ao se ressentirem com a minha presença, me feriam.

Estou colocando em evidência todos esses aspectos da minha trajetória, pois são importantes para entender o pontapé inicial para a educação mediúnica na Fonte de Luz: o AUTOCONHECIMENTO. Conhecer a mim mesma passa pelo processo de “despir-me” em camadas, adentrar nas questões mais delicadas da minha vivência na graduação, pois foram elas meus gatilhos na busca do autoconhecimento por vias espiritualistas.

1.3. Construção da subjetividade do ser “EU”

Voltando ao autoreconhecimento como sereia, nos trechos anteriores fica evidente a minha aspiração por afirmar-me enquanto pessoa. Ancorar-me na simbologia mítica da sereia proporcionava essa “noção de pessoa”, porém não é nenhuma anedota vincular a noção de pessoa com a imagem da sereia – e talvez seja uma metáfora. Meu objetivo aqui não é achar o sentido absoluto de noção de pessoa, ou fazer categorização conceitual de todas as definições na antropologia, mas assimilar algumas definições com a narrativa da minha trajetória na educação. “Se a “noção de pessoa” evidentemente varia de sociedade para sociedade, a noção desta noção não parece variar menos de antropólogo para antropólogo” (GOLDMAN, 1999, p.84).

A metáfora da sereia está embutida nas suas características parte animal/parte humana. Sua metade humana representa o lado consciente da constituição de pessoa; a

outra metade animal “inconsciente” da mesma pessoa. A construção enquanto pessoa se dá no âmbito sociocultural e nas experiências vividas nele. A formação da pessoa é binária, sendo tanto individual quanto sociocultural. Segundo Spink (2011), a construção da pessoa é gerada pelas vivências sociais: existimos pela perspectiva do outro. Como entre os indígenas W’ari, “a identidade entre duas pessoas ou dois grupos é concebida como uma relação de consubstancialidade, determinada pela proximidade física, que tem como consequência direta a troca de substâncias corporais e a comensalidade.” (VILAÇA, 2000, p.61)

A palavra “EU” traz, à primeira impressão, conotações de unidade, individualidade, ser única e por aí vai. Também apresenta sentido de identidade e características que a modelam, pois quando há necessidade de afirmar-me enquanto EU, significa a existência do um OUTRO. EU só existe enquanto houver alguém para chamar e reconhecer como o OUTRO. Se por um lado, EU e OUTRO são coexistentes, a existência é forjada pela troca de experiências compartilhadas e, conseqüentemente, um dá sentido ao outro. “Somos alguém para outros significativos; somos alguém para instâncias que disciplinam a vida social; somos alguém para nós mesmos. Enfim, somos; temos a experiência de termos (ou sermos) um “eu”; somos porque pensamos (Descartes diria: penso, logo sou!)” (SPINK, 2011, p.01).

Por outro lado, EU e o Outros têm suas limitações, confinadas neles mesmos, ou seja, EU começa onde termina o OUTRO. Ambos são autorreferenciais, só podem existir simultaneamente, pois EU só enxerga o OUTRO a partir de si mesmo e assim sucessivamente. O EU é representado e interpelado internamente pelo OUTRO,

assumimos constituições autorreferenciais e interdependentes. Isso assemelha-se à descrição de Nascimento (2014):

Num terceiro lugar que não é nem o ontem nem o amanhã, nem o velho nem o novo, nem o Eu nem o Outro. É e não é. A interseção de dois corpos cuja relação representa a continuidade do Eu no tempo (e a família faz todo sentido aqui) é entendida como metáfora do reconhecimento. Reconhecer-se no Outro é atribuir a si uma identidade – algo que me liga a alguém –, mas é também privar-se de uma singularidade – algo que só eu tenho. Para o problema desse Eu que absolutamente não pode ser único, sozinho, autossuficiente. O indivíduo, aquele que não se divide, se vê às voltas com a impossibilidade de se bastar, uma vez que ele, para ser quem é, deve estar ligado a outrem (NASCIMENTO, 2014, p.184).

Isso se assemelha um pouco à doutrina da Fonte de Luz que afirma o tudo dentro, pois não existe nada fora. Ou seja, mundo são os reflexos dos indivíduos mesmos. O mundo nada mais é do que as imagens de sentidos; assim como ele nos molda nós o moldamos.

Mauss (1950) esboça a noção de pessoa cristã como inseparável, individual e dotada de razão. “Persona, pessoa, direito, ela conserva ainda um sentido de imagem superposta; por exemplo, a figura da proa do barco (entre os celtas etc.). Mas significa também personalidade humana ou mesmo divina. Tudo depende do contexto” (MAUSS, 1950, p.396).

No contexto das práticas de possessão no Candomblé, Goldman (1984) critica categoricamente o significado de ser unitário, pois, ao se falar de possessão, pressupõe-se erroneamente a “dissociação de pessoalidade”. É preferível falar de noção de pessoa relacionada ao contexto no qual ela está localizada, como no caso do transe de possessão, em que a “noção de pessoa” deve ser compreendida pelo sentido ao qual o grupo que a pratica adere.

Tantos que insistem, até hoje, em falar da possessão como um processo de “dissociação da personalidade”, como se a noção mesma de personalidade (ao menos no sentido aqui utilizado) não fosse problemática, e a crença num indivíduo uno e, a princípio, indivisível – que o termo “dissociação” necessariamente supõe – não fosse praticamente exclusiva de algumas ideologias ocidentais. Nesse sentido, seria mais apropriado, sem dúvida, dizer que a possessão está intrinsecamente ligada com a “noção de pessoa” adotada pelo grupo que a pratica. Isto significa que, além de uma certa concepção de ritual, o transe exige, para ser justamente compreendido, uma determinada teoria sobre a noção de pessoa. (GOLDMAN, 1984, p.30).

Tudo depende do contexto e eu acrescento que também depende da perspectiva.

Ser pessoa tem como requisito o social: conferir humanidade aos seres não está na ordem do “natural”, mas sim do cultural e social (VIVEIROS DE CASTRO, 1996).

A noção de pessoa é coexistencial ao grupo social, pois a possibilidade de sentido em ser pessoa está na autorreferencialidade diante do outro.

Ser pessoa tem sentido pelos reflexos da sociedade tanto no indivíduo quanto do indivíduo na sociedade, desde suas experiências pessoais à formação do grupo social ao qual ele pertence. Autorreferencial em seu entendimento perante o grupo remete às interrelações significantes da psiquê potencializadas pela seleção de possibilidades no corpo social, que norteiam a formação da pessoa e suas identidades. Parafraseando Luhmann (1984), a noção de pessoa e o grupo social são autopoieticos, pois relacionam-se um com o outro, coexistindo em seus próprios mecanismos constituintes.

Quando penso na autopoiese, na qual criamos a nós mesmo, também penso o quanto o Outro dá sentido nessa autocriação. Por assim dizer, vejo a minha construção subjetiva do EU a semelhante à voz. O que é a voz de quem fala se não fizer sentido aos seus ouvintes? Um escritor só ganha significado quando seus leitores lhe atribuem tal valor. O público projeta suas expectativas nos produtos que consomem. Somos feitos e

refeitos pelos que nos rodeiam; a imagem refletida no espelho nada mais é do que uma ilusão de ótica.

Mas o que há dentro? Quem nós somos? Quem sou eu?

Eu sou o mundo a minha volta, assim como o mundo ao meu entorno é meu próprio reflexo. Caminho para observar os outros e conseguir enxergar a mim mesma. A tentativa de entender como a sociedade se movimenta e organiza é a minha estratégia particular para arrumar o turbilhão confuso da minha mente. Resignificar a minha insignificância diante o oceano de universos sociais em que outros estão inseridos para ver algum sentido no meu próprio.

A imagem de quem sou é um percurso fomentado ao longo da minha existência. Meu EU é formado e moldado não apenas em um momento, mas em várias etapas cíclicas (ou não) de vida. A noção de pessoa não é instantânea, porém é simultânea pela minha existência interpelada pela sociedade. O significado de pessoa não é estático, tanto que não há ocasião em que ele seja formado e ele não acontece de uma só maneira. A pessoa é construída, destruída e reconstruída intercaladamente com as etapas da vida humana em sociedade. Como argumenta Heráclito, “Tudo flui... nenhum humano pode banhar-se no mesmo rio por duas vezes, porque nem o humano, nem a água do rio serão os mesmos.”

Capítulo 2. DESCOBRINDO O TODO AO CONHECER A MIM MESMA: a minha educação mediúnica dentro da Fraternidade Fonte de Luz

O segundo capítulo traz à discussão a minha educação mediúnica em si. Apresento diferenciações entre educação mediúnica no espiritualismo e kardecismo, e também, articulo a prática mediúnica da Fonte de Luz com estudiosos e estudiosas da antropologia da religião. Busco através da minha experiência prática, mostrar características doutrinárias da Fonte de Luz aliados ao meu processo de autoconhecimento.

Toda vez que penso no início da minha trajetória mediúnica, vem à minha mente a frase “até o universo conspirou para eu chegar aqui.” Conforme já mencionei no primeiro capítulo da dissertação sobre as minhas ideias suicidas, quando eu cheguei à Fonte de Luz essas ideias estavam impregnadas em todo meu ser. Eu simplesmente não tinha mais gosto pela minha vida. Não entrei no campo do discurso teórico sobre suicídio, mas quero deixar claro que a educação mediúnica da Fonte foi a “luz do fim do túnel”¹⁰. Encontrar um lugar onde não fui julgada pela minha cor, classe social, gênero, crenças e outros rótulos foi libertador. É a experiência de sobrevivência e aprendizado que vou compartilhar com você leitor ou leitora.

Aproximadamente cem pessoas iniciaram, juntamente comigo, o curso de Educação Mediúnica. Como requisito para adentrar ao curso, fomos instruídos a ler Pinheiro(2004) para nos familiarizarmos com conceitos de como “funciona o outro lado

10 Não achei a luz no fim, mas a achei a luz do túnel.

da vida” . No que diz respeito aos conceitos, chamou-me atenção a diferenciação entre espírita e espiritualista, tanto no próprio nome da instituição demarcar essa diferença: “Fraternidade Espiritualista Fonte de Luz”. Quando meus familiares souberam da minha associação à fraternidade, logo me perguntaram se era “terreiro de macumba” ou de “mesa branca”. É óbvio que são afirmações de senso comum e preconceituosas que norteiam o imaginário dos meus familiares criados na tradição católica romana; entretanto, exprimem a tensão de identificação dos praticantes de “mesa branca” não serem confundidos com os de “terreiro de macumba”, também demonstrada no livro, sobre a identidade de quem é considerado da macumba ou da mesa branca. Ao que me parece, há um certo receio em ser denominado “de terreiro de macumba”. “Terreiros de macumba” fazem alusão às práticas mediúnicas de vertentes da Umbanda e “mesa branca” às de origem kardecista. Ao questionarem-me sobre se “terreiro de macumba” ou de “mesa branca”, não evidenciavam a curiosidade deles em saber a distinção entre ambas vertentes, mas ter uma parente envolvida com o kardecismo é mais palatável do que com a umbanda. Vide um trecho de *Aruanda*, que menciona a tensão:

A Umbanda para muitos ainda é tabu; quando qualquer aspecto associado a esse tema é ventilado nos círculos espíritas, observamos reação imediata, que demonstra o preconceito enraizado. Será puro medo? E que espécie de medo acomete os companheiros espíritas ao abordarmos o assunto Umbanda? A maioria dos espíritas, ou pelo menos os mais ortodoxos, não admitem sequer a ideia de que pais-velhos, caboclos ou outras entidades espirituais semelhantes possam trabalhar nos centros ditos kardecistas. (PINHEIRO, 2004, p.16)

O livro apresenta a *aumbandhã* como religião psicologicamente associada às caracterizações culturais brasileiras, por isso as entidades atuantes na aumbandhã são definidas como Caboclos, Preto-Velhos e Preta-Velhas, as Crianças, as Ciganas, os

Boiadeiros, os Exus e as Pomba Giras, relacionadas ao imaginário popular brasileiro. Abordarei no capítulo 3 como é trabalhada na Fonte de Luz a noção de “entidades”.

Atividades mediúnicas espíritas são embasadas nos fundamentos postulados no Pentateuco de Allan Kardec¹¹. As espiritualistas, como a Umbanda, têm formação pela reunião de elementos ecléticos e tradições filosóficas de distintas origens, como as orientais, cristãs, esotéricas, etc. (CARVALHO, 1998; STOLL, 2003).

Pelo conceito de Stoll, o espiritualismo kardecista também é espiritualista. A palestrante espírita Claudia Gelernter (2007) acredita que todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita.

Espiritualismo é a doutrina ou sistema que admite a presença, no homem e no mundo em geral, do elemento espiritual. Desse modo, a maior parte das religiões são espiritualistas, uma vez que creem na existência da dualidade corpo e alma. O Espiritualismo é oposto do materialismo, que afirma não existir nada além da matéria. Espiritismo, contudo, significa Doutrina dos Espíritos. Ou seja, há um parentesco significativo entre ambas, mas não são a mesma coisa. Aliás, posso afirmar que elas apresentam práticas bastante diferentes. (GELERNTER, 2007, p.3)

A Fonte de Luz tem conceitos em suas práticas tanto da umbanda quando do espiritismo kardecista. A doutrina da Fonte é resultante da conjunção de elementos derivados de manifestações religiosas diferentes, formando um novo movimento religioso. Essa nova manifestação conserva, em maior ou menor intensidade, traços advindos de religiões anteriores (COSTA, 2013). Resumindo, a Fraternidade é o “caldeirão da bruxa”, misturando de tudo um pouco, e foi nessa sopa de letrinhas que acabei encontrado o meu lugar.

11 São os cinco principais livros de Kardec na codificação do espiritismo: *O Livro dos Espíritos*; *O Livro dos Médiuns*; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; *A Gênese*; e *O Céu e O Inferno*.

Por que falo em uma história de sobrevivência e aprendizado?

O primeiro passo para a educação mediúnica, no meu caso principalmente, é acreditar em uma existência imaterial. Educar a mediunidade, significa, a princípio, sintonia em uma boa frequência com o plano imaterial. Os médiuns são como rádios e eles transmitem por frequência as estações do outro plano; educar-se é sofisticar-se para melhorar a transmissão. A educação mediúnica é para toda a vida; não existe o momento em que afirmamos “somos médiuns formandos”. Cada dia é um dia de adquirir saber; o máximo que se consegue é agregar bagagem e mais informações. O difícil é começar, depois que damos partida só vai. Mas será que os médiuns são apenas canais de comunicação entre os mundos?

“O mundo espiritual”, ou plano imaterial, por assim dizer, sempre fez parte da minha vida. Querendo ou não, ele estava ao alcance das minhas mãos. Eu nasci na tradição católica apostólica romana, fui batizada aos dois anos de idade e aos três anos começaram a levar-me compulsoriamente em vários padres exorcistas. No seio da minha família, eu era considerada “criança assombrada”, pois, mesmo batizada, era atormentada por “demônios”. Para o desespero da minha mãe, eu não consegui passar uma noite de sono sem perturbações. Ela confidenciou-me que sentia-se culpada, porque me levou ao funeral da minha bisavó sem eu ser batizada. Provavelmente eu tinha apenas dois meses de vida. Em sua percepção, o ato de levar uma criança pagã¹² ao cemitério desencadeou eventos sobrenaturais.

12 Criança sem batizar.

Por benção ou maldição, eu permaneci com memórias límpidas a respeito dessa época da minha vida. Lembro como se fosse ontem o medo que eu tinha de dormir e ficar sozinha, os vultos e calafrios e, principalmente, a visão de pessoas mortas da minha família que vinham visitar a casa. Era tanto medo que, a meu ver, chorar era a única forma de espantar os fantasmas.

Para aliviar meus tormentos, mãe e avós encaminharam-me aos cuidados de padres exorcistas e grupos de orações da igreja católica. Posso adiantar que não deu muito resultado, porém eu percebia que elas se sentiam bem consigo mesmas. Aquelas sessões não eram nada agradáveis e os padres aterrorizavam-me muito mais do que os espíritos. Conforme eu fui crescendo, aprendi a disfarçar o choro e o medo para não preocupar ninguém. Aos sete anos iniciei a vida religiosa com a entrada na catequese¹³, preparando-me para receber os Sacramentos¹⁴. Para mim, seguir praticando o catolicismo dentro dos conformes era análogo a ter noite tranquilas e nada de fantasmas. Isso em teoria, mas na prática os acontecimentos, que fugiam à lógica católica, eram intensos e frequentes.

Que acontecimentos eram esses? Pois bem, vou explicar.

Na primeira infância, eu via nitidamente pessoas dadas como mortas. Algumas demonstraram semblantes pacíficos e outras eram totalmente deformadas. Em sua maioria, com a pele facial em decomposição. Na segunda infância, esses espectros tornaram-se eventos raros, entretanto passei a apresentar sintomas físicos: calafrios, sensação de chamas por toda a pele, ouvir assovios e risadas, e o pior de todos: sentir

13 Por meio dela se dá a iniciação à vida como católica. É o método de ensino oral dessa tradição.

14 Os sacramentos são como se fossem os ritos de passagens dentro da religião católica.

como se algo quisesse dominar e entrar dentro do meu corpo. Esse último sintoma é difícil de descrever, mas era como se eu fosse uma cadeira e alguém tentasse sentar em mim.

Na minha primeira conversa particular que tive com a instrutora do curso de educação da mediunidade, relatei a ela esses acontecimentos da minha infância. Contando para a instrutora esses episódios, ela afirmou que eu apresentava mediunidade ostensiva.

Dentro do contexto da Fonte de Luz, o autoconhecimento é a base para a educação mediúnica. A mediunidade dita ostensiva é tida como de expiação, ou seja, a mediunidade já surge latente desde a infância para resolver situações de resgate cármico (nos próximos capítulos explicarei melhor essas noções). Através do meu aprendizado na Fonte de Luz entendi que os meus desequilíbrios psíquicos, incluindo as tendências suicidas, estavam ligados não apenas aos fatores socioculturais e psíquicos, mas também às minhas características mediúnicas. Ou seja, educar a minha mediunidade proporcionou-me cuidar de mim mesma, tanto que o suporte dado pela Fonte nesse processo, concedeu-me humanidade. Fazer parte de algo conferiu-me vontade de viver.

Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, afirma que todos os humanos são médiuns em maior ou menor grau. A instrutora Maira, parafraseando Kardec, menciona que todos somos sensitivos em maior ou menor grau. Ambas frases elucidam rumos diferentes para a compreensão da mediunidade e as formas de trabalhar com a mesma. Uma voltada para o kardecismo e a outra para o espiritualismo da Fonte. Dentro do espiritualismo, praticado na Fonte de Luz, a educação mediúnica está voltada para o plano das sensações. Como “médium em treinamento”, fui convidada a conhecer os meus cinco sentidos, observar minha respiração, ouvir os batimentos cardíacos, experimentar a textura da minha própria

pele e ficar atenta aos ruídos que a mente em repouso exprime. A auto-observação é compreender o funcionamento da mediunidade.

Asevêdo (2012) propõe que para a compreensão da mediunidade é preciso investigar as figuras simbólicas dos indivíduos praticantes da mediunidade, ou seja, para compreender a mediunidade é necessário entender a médium:

A mediunidade se expressa em diferentes tipos de seres humanos, independentemente de sua classe social, credo, raça, gênero. Sua expressão não tem, necessariamente, uma ligação com qualquer rito religioso formal, mas pode estar ativa durante os afazeres domésticos ou sociais de um médium (ASEVÊDO, 2012, p.11).

Uma pesquisa com olhar atento e cuidado para as especificidades psíquicas, socioeconômicas, culturais e de trajetória de vida do médium traz aspectos riquíssimos para os estudos antropológicos voltados para a mediunidade, pois apesar dos conceitos gerais contidos nos estudos mediúnicos, a mediunidade em si pode ser melhor entendida através do médium – tal como tento esboçar neste trabalho.

W. W. Da Matta e Silva, também conhecido como Mestre Yapacani da umbanda esotérica (ver Silva 1964), critica o sentido literal do conceito de Kardec sobre a mediunidade, pois, segundo ele, mesmo que alguém se considere médium, não significa necessariamente que seja um canal de comunicação com os espíritos. É necessário atentar para os fenômenos anímicos. Os trabalhos vivenciados dentro da Fonte de Luz são de caráter medianímico. Os fenômenos mediúnicos são intermediados e proporcionados “puramente” por espíritos; fenômenos anímicos são mecanismos inerentes à alma da

medianeiro¹⁵; e os medianímicos resultam da conjunção de fenômenos tanto da alma quanto de espíritos.

Para um melhor entendimento da mediunidade no espiritismo, Leite (2014) subdivide a natureza da médium em dois tipos diferentes: a médium *lato sensu* é aquela pessoa que demonstra a mediunidade sutilmente, sendo ela latente ou não; a médium *stricto sensu* é a em quem a mediunidade manifesta-se ostensivamente, como no meu caso.

No Espiritismo Kardecista é dada grande importância à origem da manifestação mediúnica e procura-se evitar o animismo, pois o consideram passível de fraudes durante as comunicações mediúnicas. Priorizar fenômenos puramente mediúnicos dentro do espiritismo é uma tentativa de filtrar “espíritos inferiores” de se fazerem passar por “superiores”. Outro ponto que se tenta evitar no Espiritismo é a individualidade do médium se sobressair à comunicação mediúnica.

A interferência do Espírito do médium na comunicação espírita é antes que um empecilho, um dado, parte do desenvolvimento da mediunidade. O “será que é”, “será que não é?” é, segundo os espíritas, uma dúvida que persegue o médium a vida inteira. Com o passar do tempo, o médium aprende a distinguir, mas o grau de “pureza” na transmissão de uma comunicação espiritual permanece sempre em alguma medida problemático. (CAVALCANTI, 2008, p.108).

Na educação mediúnica na Fonte, o medianimismo consciente é visado para que o médium possa ter consciência e responsabilidade por seus atos durante todas as manifestações mediúnicas.

15 Sinônimo de médium.

Segundo Miranda (1994), a mediunidade e o animismo são fenômenos conjuntos e complementares, visto que são utilizadas as aptidões psíquicas e anímicas do médium para as manifestações mediúnicas.

Reiteramos, portanto, que não há fenômeno mediúnico sem participação anímica. O cuidado que se torna necessário ter na dinâmica do fenômeno não é colocar o médium sob suspeita de animismo, como se o animismo fosse um estigma, e sim, ajudá-lo a ser um instrumento fiel, traduzindo em palavras adequadas o pensamento que lhe está sendo transmitido sem palavras pelos espíritos comunicantes (MIRANDA, 1994, p. 95).

A categoria de EU na educação mediúnica ganha sentido transpessoal e pluridimensional. Transpessoal, pois vai além da pessoa unitária e abarca aspectos da vida em comunidade (Walsh; Vaughan, 1997). Pluridimensional, porque são vários EUs em diferentes dimensões.

A dimensão corporal humana também faz parte dessa realidade pluridimensional, assim como a manifestação de EUs. Essas realidades não se dividem, pois são simultâneas e coexistentes. Existe um dito de Teilhard de Chardin famoso no meio espírita e espiritualista: “Não somos seres humanos em uma jornada espiritual. Somos seres espirituais em uma jornada humana.” O espiritismo divide o corpo humano em três âmbitos: corpo físico, perispírito e espírito. O corpo físico é o material mais denso que constitui os órgãos do corpo humano e toda a experiência material; perispírito é o envoltório do espírito, semi-material e liga o corpo denso ao espírito; e este é a energia etérea do divino, consciente e imaterial. No espiritualismo, o corpo ganha sete dimensões diferentes, os chamados corpos sutis: corpo físico; duplo etéreo, corpo astral, mental inferior e mental superior (equivalentes ao perispírito); e corpo búdico e átomico (que correspondem ao espírito).

Os próximos capítulos abordarão os conceitos citados acima em maior detalhe. Se pela educação mediúnica eu ganhei status de pessoa dentro do espiritualismo, também me é conferido um corpo. Já não sou apenas a sereia, meio-animal e meio-humana; sou agora um ser espiritual de corpos¹⁶ e alma.

16 Refiro-me aos corpos sutis.

Capítulo 3: MEDIANEIROS E MEDIUNIDADES

No terceiro capítulo falo sobre as noções de médiuns e mediunidades. Saio um pouco da abordagem centrada em mim mesma e volto meu olhar para as singularidades das formulações doutrinárias da fraternidade. Voltado à conceitualização de mediunidade, fenômenos anímico, mediúnico e medianímico.

3.1. Fenômenos da alma a fenômenos mediúnicos: animismo, mediunidade e medianímico

Um das lições prezadas pela Fonte de Luz é a busca pelo “caminho do meio”. Essa lição consiste em concentrarmos a jornada da vida pelas trajetórias do equilíbrio, de tal modo que as ideias de dualidade conflitantes (bem e mal) se anulam e o todo torna-se composto de opostos complementares, semelhante ao princípio taoísta do Yin e Yang. A educação mediúnica é a procura pelo equilíbrio entre o “mundo material e o imaterial”, por assim dizer.

A simbologia mítica da sereia é também a caracterização da união de opostos complementares; partes antagônicas formam harmonicamente um ser completo. O médium ou medianeiro, como o próprio nome diz, está no centro da dualidade material e imaterial.

No espiritualismo, a materialidade e a imaterialidade estão relacionadas a outra dualidade: densidade e sutileza. O termo “mundo” faz alusão a planos de realidade e dimensões de existência. Como argumentei antes, são planos simultâneos e coexistentes, assemelhando-se aos mundos sensíveis e das ideias de Platão. O medianeiro é dotado de capacidades para adentrar o mundo das ideias e retornar ao sensível, pois o mundo material é mais denso que o imaterial. Os planos das existências diferenciam-se entre si

por níveis de densidades e sutilezas, dimensões fluídicas e leves até as formas rudimentares e pesadas. No decorrer do capítulo 4 esses conceitos serão melhor destrinchados. O importante agora é salientar que pela educação mediúnica, o mediano atua nesses planos de existência “material” e “imaterial”. E como ele pode atuar em dimensões diferentes? Com suas habilidades parapsíquicas.

Educar a mediunidade é treinar as habilidades parapsíquicas. Para facilitar a compreensão, coloco dois pontos em evidência: primeiro que dentro da literatura espírita e espiritualista há várias categorias e classificações da mediunidade e habilidades parapsíquicas, ambas podendo ser lidas como sinônimos ou não, dependendo do contexto em que estão inseridas. O segundo ponto é a distinção entre fenômenos anímicos e mediúnicos: um diz respeito a capacidades inatas da alma e o outro a interferência de espíritos. Todas as capacidades parapsíquicas são anímicas e os fenômenos mediúnicos necessariamente acontecem pela interferência dos seres extrafísicos. Os fenômenos anímicos não precisam da ação de espíritos para ocorrerem.

As habilidades parapsíquicas são instrumentos inatos à alma humana. O sentido de alma D’Andrea (2000) compreende como o self interno do inconsciente e consciente humano atuante. “É a forma de autonomia do self individual, dos elementos que compõem o “ser” do sujeito, sua identidade e projeto” (D’ANDREA,2000, p.12). A alma é o agregado de “EUs” que estruturam cada pessoa, é também alma o alicerce que sustenta os corpos. A alma dotada de capacidades sensoriais desdobra-se em *corpos sutis*¹⁷ e tais habilidades estão intrinsecamente ligadas a esses corpos.

17 Vide capítulos 2 e 4.

Paes (2011), em contexto kardecista, afirma que a percepção do corpo está relacionada com a instrumentalização de trabalho das habilidades parapsíquicas: “corpo é instrumento de trabalho e renovação do espírito, assim ele não lhe pertence, consta como oportunidade de trabalho espiritual. O corpo deve ser controlado e equilibrado, pois há um plano para ele” (PAES, 2011, p.188). Também em meio kardecista, Leite (2014) observa a mediunidade dividida em diversos tipos: **efeitos físicos** – materializam energia ectoplasmática¹⁸; **sensitiva** - capacidade de perceber presença de espíritos; **vidência e psicofonia** - ver e ouvir espíritos; **psicográfica** – transmissão de mensagem espirituais pela escrita direta ou indireta; **sonambúlica** – contato com espírito por através do sono; **curativa** – realizar cura a enfermos por meio de fluidos ectoplasmáticos. Na educação mediúnica da Fonte de Luz, todos esses tipos de mediunidades são habilidades parapsíquicas¹⁹.

Segundo Miranda (1994), nos fenômenos anímicos o médium desloca-se no tempo e espaço entre duas realidades, material e imaterial, para complementá-las e embuti-las em sua perspectiva como observador. Passado, presente e futuro são realidades são simultâneas e justapostas, desse modo acontecimentos ocorreram, ocorrem ou irão ocorrer. Aqui as noções de passado, presente e futuro são de eventos também justapostos. O médium utiliza das habilidades parapsíquicas para ampliar e perceber as faixas simultâneas da realidade. No fenômeno mediúnico, o médium isola-se na realidade

18 Leite a define como “uma substância composta por matéria neuro-orgânico-etérea, é o nome que se dá, em linguagem espírita, a uma substância que o ser humano tem possibilidade de exteriorizar”. Essa substância é rica em fósforo, ou seja, reage e entra em combustão com facilidade se exposta indevidamente à luminosidade” (LEITE, 2014, p. 29; VASCONCELOS, 2003, p. 19).

19 Habilidades parapsíquicas são capacidades sensoriais de percepção como clarividência, premonição, projeção astral, telepatia, telecinese, psicografia, sensibilidade, psicometria, etc.

material e dispõe-se como transmissor, por meio do corpo físico, de ideias, pensamentos e energias da realidade imaterial.

No fenômeno anímico ele é um observador direto, tem um papel ativo, relata uma experiência pessoal de contato com a realidade I²⁰. No fenômeno mediúnico o seu papel é passivo, funcionando como instrumento de comunicação após destacar-se ou isolar-se da realidade I, abstraído-a. Coloca-se, a seguir, numa posição intermediária na qual se torna acessível aos seres que vivem na realidade II, transmitindo aos que ficaram na realidade I, à qual pertence pelo corpo físico, aquilo que é induzido a transmitir (MIRANDA, 1994, p. 406).

Esse autor faz distinção entre médium e sensitivo: o sensitivo é dotado de habilidades parapsíquicas e o médium é o sensitivo que faz intercâmbio com os espíritos. Todo médium é sensitivo, mas nem todo sensitivo é médium.

Fenômenos anímicos e mediúnicos são distintos e complementares, mas como buscamos os caminhos do meio, veremos agora os fenômenos medianímicos. Talvez os fenômenos medianímicos sejam a sereia do espiritualismo.

Existe, em meio kardecista, uma certa tensão em identificar se o fenômeno é anímico ou mediúnico, tensão essa que está ligada à legitimidade, pois os fenômenos tidos como de “valor” são integralmente mediúnicos, sem a interferência da individualidade do médium. Suas habilidades parapsíquicas estão a serviço da dimensão imaterial e não deve acontecer a intromissão anímica no fenômeno mediúnico. Na Fonte de Luz, entende-se que é quase impossível identificar onde começa o fenômeno anímico e termina o mediúnico propriamente dito. Em razão das faculdades parapsíquicas serem ferramentas conatas da alma humana e serem usadas pelos seres extrafísicos como canal de comunicação entre planos, então os fenômenos são mistos, ou seja, tanto anímicos quanto

20 Realidade I é o mundo material e a realidade II o imaterial.

mediúnicos. A convergência de ambos fenômenos é chamada de medianímico e com o medianimismo é possível atuar pela *mediunidade de parceria*.²¹

Os humanos são dotados de potencialidades parapsíquicas em maior ou menor grau e qualquer pessoa pode desenvolvê-las. A educação mediúnica da Fonte é justamente para despertar, conhecer e aperfeiçoar essas capacidades. O autoconhecimento permite a compreensão e a funcionalidade de tais habilidades, pois manifestam-se de forma individual. Apesar das teorizações em torno da mediunidade, ela é, em experiência, singular e particular. Cada qual a vivencia ao seu modo.

Para Paes (2011), o corpo e o pensamento no espiritismo são fios condutores entre as dimensões da realidade. Pensamento e corpo relacionam-se ao Cosmos por reciprocidade, em movimentos de descida e ascensão. O dualismo não é apenas uma formulação filosófica, mas a ressonância que ecoa por entre os níveis reflexivos, impondo a materialidade e a imaterialidade ao modo de compreender o mundo. Os corpos sutis intermediam os opostos complementares e possibilitam ao corpo físico a semimaterialidade e a imaterialidade. A mediunidade é faculdade intrínseca da alma, resguardando as experiências individuais, “mas também é uma instância do corpo, pois os esquemas explicativos irão investir em demonstrar como o corpo do médium vai estar instrumentalizado para servir ao trabalho de comunicação espiritual” (PAES, 2011, p. 275).

21 Categoria da Fonte de Luz para a atuação em cumplicidade de médium e espiritualidade nos trabalhos da Fraternidade. Ver próxima seção deste capítulo.

3.2. Dentro da corrente mediúnica: mediunidade de parceria

A mediunidade de parceria não é um tipo exótico à parte para estudá-la, ou uma categoria ortodoxa de conceitos complexos. Ela está mais para um abraço apertado e carinhoso, uma mão amiga e, até mesmo, um compromisso de não estar sozinho à mercê do destino.

Na Fonte, a educação da mediunidade é obtida pela parceria entre o mundo material e imaterial, físico e espiritual, ou sutil e denso. É o reconhecimento de que há um sentido superior para todos os acontecimentos da trajetória da vida e que encontrar o caminho do meio passa a ser menos áspero. É das pedras encontradas pelo caminho que são feitas as pontes entre os mundos e o lado de lá da vida é a extensão do lado daqui. Pouco importa a origem dos fenômenos, mas como são entendidos e interpelados pelo ser vivente. Ao menos, eu me sinto assim, diante de toda a minha trajetória que contei: o ambiente proporcionado pela casa ao educar-nos pela parceria foi de acolhimento e respeito. O respeito é fundamental na mediunidade de parceria, em virtude da compreensão dos limites e funcionalidades de cada alma com suas bagagens de experiências.

Afinal o que é chamado de mediunidade de parceria?

É o trabalho mediúnico consciente, responsável e em cumplicidade com os seres extrafísicos, ou espíritos. O trabalho mediúnico é o agrupamento de intenções coletivas em comum, ao movimentar e intermediar energia do plano imaterial. Durante os trabalhos, a mediunidade pode se manifestar de modos consciente, semiconsciente e inconsciente. Segundo Leite (2014), na mediunidade consciente o médium resguarda todas as lembranças dos acontecimentos durante o transe mediúnico; na inconsciente, o

médium não tem controle corporal e nem sobre suas emoções, colocando-se como “passivo” diante dos fluidos extrafísicos; na semiconsciente, ele tem lembranças fragmentadas dos acontecimentos e leve percepção corporal. De acordo com a autora, práticas mediúnicas inconsciente são cada vez mais raras:

As mediunidades inconscientes são cada vez mais escassas, porque o Espiritismo kardecista é – como um todo – um movimento que prega o elevado controle do corpo e das emoções durante os seus rituais. Nesse sentido, as mediunidades conscientes e semiconscientes tendem a ser mais valorizadas, ou evoluídas, apesar disso não ser algo comentado abertamente pelos membros do movimento espírita (LEITE, 2014, p. 129).

A mediunidade na Fonte é trabalhada de forma consciente, pois é visada a responsabilidade do médium durante o transe mediúnico. É comentado e trabalhado abertamente sobre a preferência pela mediunidade consciente. À vista disso, também é difundida a autonomia do médium, ou seja, dele ser capaz de distinguir e estar ciente durante o transe mediúnico. É necessária a passividade durante o transe, entretanto essa passividade é controlada. O médium coloca-se em passividade controlada quando concentra a mente na atividade, sem se deixar vagar por propósitos alheios; “estar aqui e agora.”

A passividade controlada é um aspecto de fenômenos medianímicos: ao dar passagens para os fluidos extrafísicos e ter ciência da movimentação energética, o médium conduz juntamente com os espíritos os acontecimentos. Assim, permite-se ao médium autonomia e, por conseguinte, senso crítico para criticar e questionar os processos a que ele está submetido. São dois lados da moeda atuantes em conjunto. A citação de Leite fala da estima que a mediunidade consciente tem por ser tida como mais elevada, mas na Fonte de Luz uma não é melhor ou pior em detrimento da outra: são apenas formas diferentes de lidar com a mediunidade.

Por que falo em dentro da corrente mediúnica?

A união de médiuns com objetivos e sintonia semelhantes gera um campo de forças magnéticas que se interligam e complementam-se. Esse campo mental interligado por vibrações das médiuns chama-se corrente mediúnica. Leite (2014) fala que os pensamentos e emoções emanados por médiuns geram o campo vibratório. “Essas vibrações formam os campos magnéticos através dos quais as comunicações espirituais ocorrem” (LEITE, 2014, p. 122).

É na corrente mediúnica que são realizados os passes e a desobsessão. A corrente também é importante para a educação mediúnica. Considera-se que a participação dos médiuns em treinamento na corrente, auxilia no desenvolvimento das habilidades parapsíquicas e no autoconhecimento. Os médiuns, ao fornecerem ectoplasma para a magnetização e a formação da corrente mediúnica, contribuem para o próprio equilíbrio. Na corrente se utiliza das energias extrafísicas e dos médiuns para efetuar a troca constante de energias. Isso implica na partilha de vitalidade entre o mundo material e o mundo imaterial. Foi através da corrente mediúnica que eu desenvolvi a mediunidade de incorporação.

De modo geral, eu entendia a mediunidade de incorporação e a possessão como sinônimos, mas na corrente mediúnica senti a linha tênue da diferença. Eu sentia a energia da espiritualidade dentro da corrente mediúnica como um abraço acalentador, algo que transmite sensação de cuidado, carinho e proteção. Um convite para entrar em sintonia com o “universo”: nós – a espiritualidade – fazemos parte de você e você está em comunhão conosco. Não era posse e sim partilha de energias.

Brumana e Martinez (1991) definem a possessão como o processo de acoplamento de espíritos com humanos, em que os espíritos têm a posse das faculdades parapsíquicas do médium e utilizam-nas para expressar atos e palavras. Tadwal (2007) compreende a possessão como o ato de incorporação de espíritos desencarnados, que possibilitam voluntariamente a uma outra consciência que assuma seus corpos, principalmente em trabalhos de desobsessão. Soares (2014) entende possessão como uma mediação entre humanos e espíritos. Pela possessão vinculam-se canais de comunicação entre médiuns e espíritos. Cavalcanti (2008) tem a possessão como situação de consciência alterada, que a pessoa vivencia mediante as manifestações de seres cuja existência é acreditada pelo indivíduo.

Goldman (1984) traz a luz as teorias do antropólogo Heusch, que detalha a possessão em dois termos: adorcismo e exorcismo. Adorcismo é um tipo benéfico de possessão, típico de cultos cujo objetivo é provocar nos adeptos a importação de deus, entidades e espíritos; o exorcismo tem aspectos negativos e nocivos, pois são influências e incorporações “maléficas” nos indivíduos. O autor também traça quatro perfis de análise do termo possessão dentro dos estudos antropológico:

a) o “xamanismo adorcista”, representado pelas práticas siberianas classicamente estudadas por historiadores da religião e antropólogos, onde o xamã viaja pelos espaços míticos em busca da alma perdida do enfermo; b) o “xamanismo exorcista”, que encontra seu exemplo na prática terapêutica do xamã cuna descrita por Lévi-Strauss (1949a), onde a cura depende da “extração” de uma criança que se recusa a nascer, obstruída que está por determinada entidade espiritual; c) a “possessão adorcista”, caso clássico dos cultos afro-brasileiros, entre outros, onde a intenção das práticas rituais é provocar a descida dos deuses para que estes se encarnem no corpo dos homens; e d) a “possessão exorcista”, da qual poder-se-ia citar como exemplo o tratamento dado à “possessão demoníaca” na tradição judaico-cristã, e que consiste na expulsão de um espírito cuja encarnação é pensada como causa de perturbações físicas e mentais (GOLDMAN, 1984, p. 61).

As categorias de Goldman fazem todo sentido ao analisar como a minha família compreendia as manifestações ostensivas da minha mediunidade na infância. Minha

família compreendia como possessão demoníaca que precisava do exorcismo para ser contida. Não era possessão, mas a manifestação das minhas habilidades parapsíquicas; fazem parte de que sou e da minha alma. Não algo para ser contido, erradicado ou exorcizado.

Segundo o kardecismo, os médiuns de incorporação dão passividades para espíritos “menos esclarecidos” se comunicarem. Cavalcanti (2008) elucida a mediunidade de incorporação como o desdobramento do espírito do médium para a “encarnação” temporária de outro espírito. Eu compreendia a incorporação como análoga a possessão, mas implicitamente os autores e autoras também expressaram essa confusão no desenrolar de seus trabalhos.

Após eu participar, entre maio e dezembro de 2017, da corrente mediúnica em média duas quartas-feiras por mês, entre essas vezes eu “incorporei” pela primeira vez na vida. Quando incorporei, eu senti o espectro vibratório dos Pretos Velhos e meu corpo assumindo movimentos típicos dessa linha²². A partir dessa experiência, refleti que não se trata de possessão, ou incorporação em si, mas uma sincronização de movimentos compatíveis com a entidade manifestada na corrente mediúnica. Tem uma semelhança com o ato de dançar em par, no qual alguém conduz e outro acompanha de acordo com o ritmo da música. Essa troca de movimentos e respeito mútuo é a mediunidade de parceria propriamente dita.

22 Pelo que pude observar até agora dos médiuns atuantes na Fonte de Luz, cada linha de trabalho expressa-se de modo que corresponde às características particulares das linhas. Por exemplo, os médiuns na linha de Preto Velho têm as costas curvadas como idoso cansado, movimentam as mãos como se tivessem alguns problemas nas articulações, devido à idade avançada, e cumprimentam com um singelo “Graças a Deus”. Vale ressaltar que cada médium tem suas particularidades de expressar a incorporação. Essas são generalizações que fiz para um melhor entendimento das particularidades observadas.

A corrente mediúnica na Fonte é formada por um círculo de médiuns, iniciando com exercícios de relaxamento e respiração. Posteriormente, o dirigente convoca as linhas de trabalhos²³ e terminamos a corrente com uma prece. Ela acontece no subsolo da Fonte de Luz, um amplo espaço retangular ambientado à baixa luz, em tons de verdes e azul violáceo e meio frio, sendo esse um local acolhedor e propício para o relaxamento. Dentro desses oito meses de cursos, sempre me senti relaxada e, em algumas raras ocasiões, um formigamento no topo da cabeça.

Soares (2014) diferencia a incorporação do fenômeno de irradiação. Vale ressaltar que Soares analisa esses conceitos dentro do Candomblé. De acordo com ela, a irradiação é um fenômeno mais sutil de sentir a ação dos orixás e entidades, ou seja, é uma aproximação das linhas de trabalhos de jeito menos intenso do que na incorporação.

Na Fonte de Luz, as incorporações ocorrem pela abertura de chakras situados a partir do tronco até a cabeça do médium, por isso há uma certa sutileza nas incorporações.

Por essa minha experiência sensorial da incorporação, o termo irradiação soa-me mais adequado do que possessão ou incorporação, principalmente no que tange à mediunidade de parceria.

A minha habilidade parapsíquica de incorporação, até aquele momento, era-me desconhecida. E que isso fique aqui entre nós: eu também enxergava a incorporação como possessão, um preconceito talvez derivado das minhas experiências com padres exorcistas; mas ao sentir a sutileza das energias espirituais na corrente mediúnica e a

23 Brito (2017) define as linhas de trabalho, segundo as teorias normativas, como espectros vibratórios situados em diferentes frequências. “As sete Linhas, cujos Orixás nomeiam, são energias cósmicas que sustentam o universo, manifestando-se através das forças da natureza e por meio da atuação dos seres que as representam” (BRITO, 2017, p. 38).

sintonia harmônica com as medianeiras/medianeiros, puder perceber que fazíamos parte de algo muito maior, o cosmo vibrante e vital que habita no tudo existente. Fazer parte do todo traz paz e cura para minha alma.

Capítulo 4: PELAS ENTRELINHAS DA CURA ESPIRITUAL

Para compreender processo da autocura, faz necessário entender a estrutura corporal dentro do contexto espiritualista. Este capítulo irá detalhar sobre os corpos e de como isso está relacionado ao autoconhecimento e a autocura. Associe as concepções de corpo do espiritualismo com definições teóricas de corpo para autores e autoras das ciências humanas.

4.1. Constituição dos corpos, chakras e desdobramentos múltiplos

Como diz Maluf (2002), “o corpo está em cena”. Segundo a autora, o corpo não está limitado apenas pela dualidade natureza/cultura-corpo/espírito, todavia ele se expande e sofre todo o tipo de metamorfose, direcionamentos no espaço e no tempo que demarcam definições distintas em cosmologias específicas. Lima (2002) cita Maurice Leenhardt que, ao entrevistar um homem chamado Boesoou, este respondeu: “Já sabíamos da existência do espírito. Agíamos segundo o espírito. O que vocês trouxeram foi o corpo!”

Entre os canaques, sociedades estudadas por Leenhardt, a constituição da pessoa não é dada pelo sentido de corpo, mas pelos laços sociais, de tal modo que há inexistência de termo para corpo nessa sociedade. Leenhardt (1947) argumentava que a ausência de um termo equivalente a “corpo” nessa cultura significava que o corpo era socialmente construído e não individualmente concebido. Quando eles adquirem o termo pelo contato com os orientais, o corpo passa a ser formado como receptáculo de distintas partes da alma; entretanto, essas partes recebem nome e o receptáculo não.

Na cosmologia canaca, esse corpo apresentado pelos ocidentais é percebido por três pontos fundamentais: (i) ele tem existência própria, é físico e palpável, tornando-o

independente das circunstâncias em que está inserido com outros corpos; (ii) humanidades são pessoa(s); e (iii) o corpo é tanto um princípio individual quanto coletivo. Seguindo os preceitos descritos por Leenhardt, a autora diz que, no contexto Juruna, o corpo jamais é separado um dos outros e do mundo (LIMA, 2002, p. 3).

Vale de Almeida (2004) fala da posição de teorias sobre o corpo evidenciando Jackson (1989) e Strathern (1995). O primeiro autor fala da subjetividade contida no corpo, indo contra as ideias de uma cultura orgânica na qual o corpo é formado apenas socialmente. Para ele a sociedade era reflexo do corpo e não o contrário. Partindo da fenomenologia e da terapêutica, Strathern entende que o corpo não é uma simples imitação da sociedade, contrariando assim a ideia de cultura superorgânica e anterior ao sujeito.

O corpo tem desdobramentos múltiplos, assim como seus significados, e a antropologia dedicou décadas para compreender as corporeidades, tendo em vista a vasta literatura nesse campo. No espiritualismo da Fonte de Luz, o corpo existe em camadas, precisamente sete camadas. Tais camadas são interligadas pelos sete principais chakras. O corpo não é o corpo, mas os corpos, e cada um deles está alocado no tempo e no espaço diferentemente, porém simultâneo. Como já dizia Boesoou: o espírito eu já conhecia, eles me presentearam com os corpos.

Um primeiro passo para compreender os corpos sutis e os EUs imbricados a eles é entender dois conceitos: Deus e reencarnação. Deus é a fonte primordial de vida, ele é a mônada suprema, tudo é derivado dele. Deus é pura energia de criação, fragmentou-se em centelhas divinas para que elas pudessem vivenciar aprendizados nos diferentes

planos da criação. É pela reencarnação que as mônadas irão aprender, cada encarnação sendo um novo saber adquirido.

A terapeuta holística e historiadora Helena Gerenstadt (2009) chama as réplicas fragmentadas de Deus de mônadas ou centelhas divinas. Ambos os termos são usados na Fonte com o mesmo significado. As mônadas são as primeiras formas inteligentes, simples, indivisíveis e eternas. Segundo a historiadora, as mônadas podem ser distinguidas em quatro estágios: *mônadas nuas* são incoerentes e correspondem aos minerais e as plantas; *mônadas sensitivas* são as formas brutas da alma e possuem capacidade de percepção e sentimentos, assemelhando-se aos animais; *mônadas racionais* são dotadas de capacidade reflexiva e raciocínio; e *mônada suprema* é a energia superior da qual derivam todas as mônadas.

As centelhas divinas sentiram necessidade de adquirir experiências no plano físico, se materializando em processo descendente, encarnando e reencarnando no plano físico, conseguindo forma humana. Os corpos não são formados instantaneamente e passam por estágios de vivência para adquirir a forma humana; vão se construindo gradativamente ao longo das eras até chegar no estágio atual. É semelhante à teoria de darwiniana de evolução? Não, pois não se trata de adaptar e evoluir a forma mais adaptada. É uma aquisição de experiências vividas em cada estágio. Lembra-me a citação bíblica cristã: “O Verbo se faz carne”. Para os espíritas e espiritualistas, “Deus” é a potência criadora “de tudo o que é”, a fonte primeira de energia e da criação. Os corpos são derivados dessa energia primeira e primordial, repicando-se em pedaços de si mesma.

Ao fragmentarem-se a partir da mônada suprema²⁴, as mônadas materializam-se descendentemente na camada física para conquistar experiências. Para esclarecer melhor meu entendimento sobre esse processo, eu nomeei de mônadas sutilizadas as centelhas divinas que partiram da energia suprema até o plano físico e o processo de descida chamo de materialização descendente. O processo de materialização e aquisição de experiências é cíclico-espiralado e proporciona corpos às mônadas. Quando elas conseguem seus corpos, começa o caminho inverso: as mônadas materializadas desejam retornar ao ponto de partida; de forma ascendente a mônada irá sutilizar-se até tornar-se una com a mônada suprema, perdendo os corpos no processo de sutilização. O curso de retorno ao ponto de partida nomeio-o como sutilização ascendente.

Veja os esquemas²⁵ a seguir:

24 Deus.

25 Esquema e nomenclaturas feitos com base na teoria da aquisição de corpos e nas aulas de mediunidade ministradas pela instrutora Maíra na Fonte de Luz.

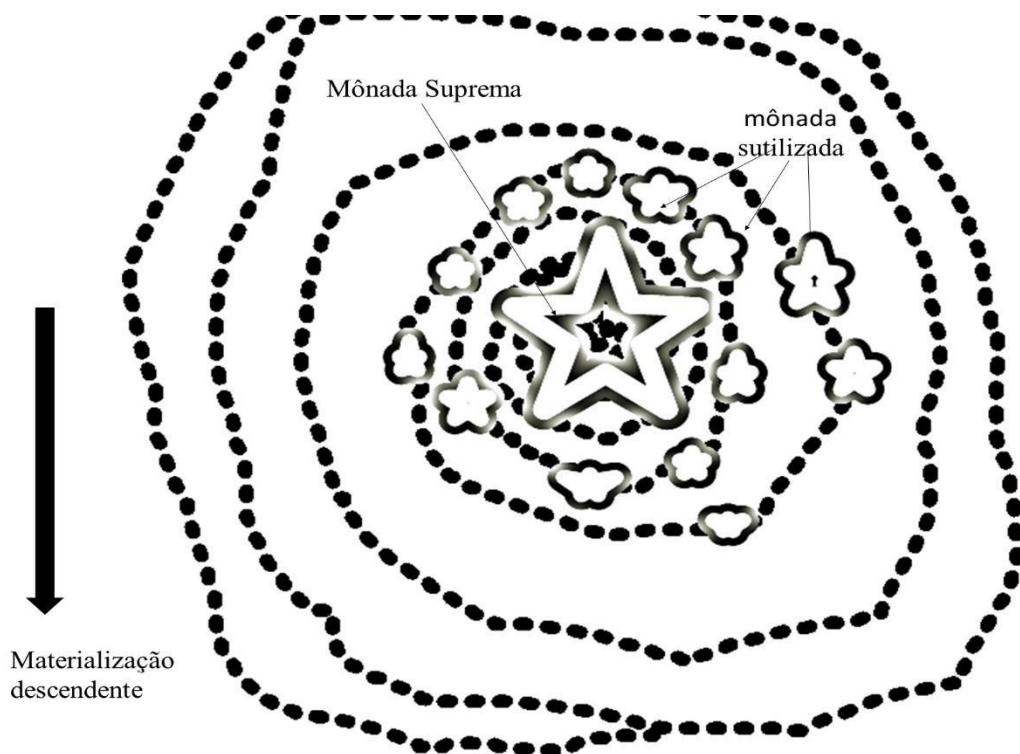


Figura 1: Fragmentação e Materialização Descendente

Fonte: Elaboração própria

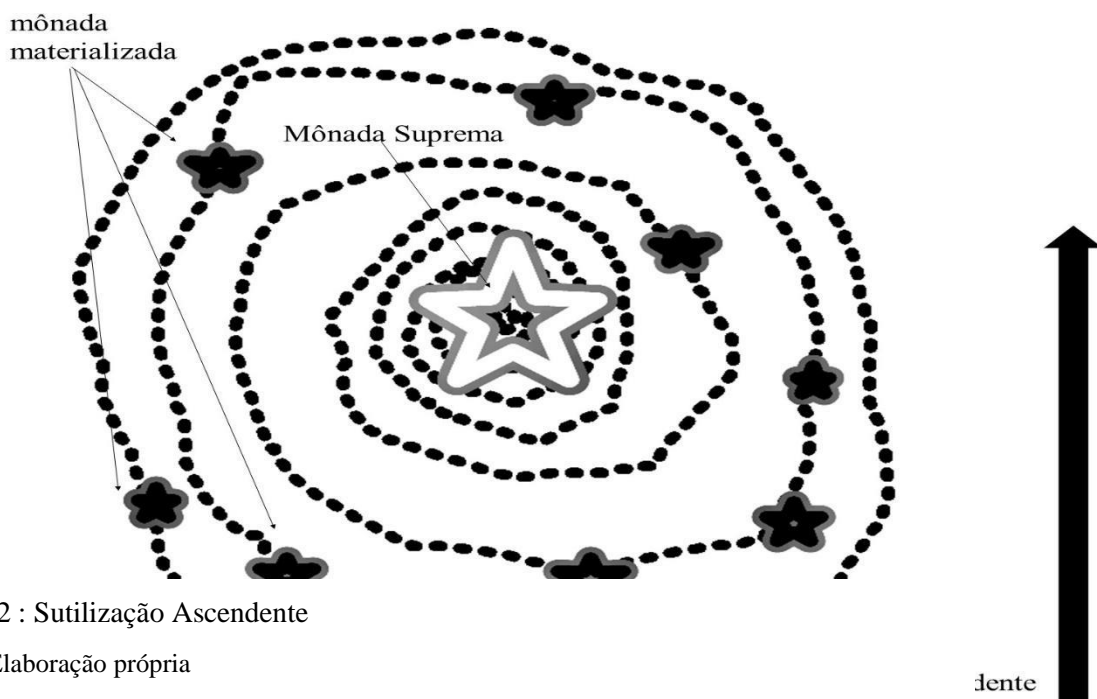


Figura 2 : Sutilização Ascendente

Fonte: Elaboração própria

endente

Falei anteriormente em mundo material/imaterial, planos da criação ou da existência, pois bem. A constituição e a perda dos corpos também seguem o princípio dual de sutileza e densidade tal como os corpos sutis. Esses planos são vibracionais e os corpos, ao passar por entre os planos, necessitam ter vibração semelhante ao meio correspondente, ou seja, o corpo mais sutil pertence ao plano mais sutil e o corpo mais denso concerne ao plano mais denso. As centelhas ganham experiências ao deslocarem-se por entre os setes planos.

Silva (1961) classifica a vibração oriunda da mônada suprema. São linhas vibratórias reassentadas por sete principais orixás, cada um deles representando um raio cósmico.

As sete linhas vibracionais são os sete tipos de frequências vibratórias, de energias emanadas do universo, energias advindas dos orixás, inquices ou voduns (considerados divindades da natureza), e de energias advindas das entidades (espíritos de pessoas falecidas, que não habitam mais nesse plano terreno), as quais vibram em consonância com os orixás, inquices ou voduns (COSTA, 2013, p. 101).

Oxalá/1º raio; Yemanjá/2º raio; Yori/3º raio; Xangô/4º raio; Ogum/5ºraio, Oxóssi/6º raio; e Yorimá/7º raio (Ordem das Linhas Vibratórias).

Na crença espiritualista, as setes linhas regem e orientam os movimentos das mônadas no ciclo-espiralado da criação e nos planos da criação. Na Fonte de Luz, foi me apresentada a distinção entre orixás e entidades: orixás são as forças distribuídas da criação responsáveis por cada plano e também são forças que não encarnam no plano físico; entidades são seres que atuam nas linhas vibratórias, que passam pela materialização descendente e sutileza ascendentes.

Como já relatei, os corpos no espiritualismo são divididos em corpo físico, duplo etéreo, corpo astral, mental inferior, mental superior, búdico e átmico. Esses corpos são

ligados pelo cordão de prata²⁶. O corpo átomico é mônada sutilizada, fragmento da energia criadora, eterna e situada no sétimo plano; o búdico é a parte pensante e consciente, resguarda as experiências vividas nos planos, sendo análogo ao banco de dados cósmicos; mental superior é o corpo da criação, que é responsável pela subjetividade do indivíduo e personalidade. Esses três copos mais sutis formam a tríade divina²⁷.

Já o mental inferior resguarda a intuição, as capacidades de aprendizagem e as formas simples da percepção; o corpo astral são as emoções e sensações, é quem faz a intermediação entre o mundo material e imaterial; o duplo etéreo é a cópia energética do corpo físico, sendo o ectoplasma armazenado neste corpo juntamente com os chakras; o corpo físico são os instrumentos de materialização e experimentação das mônadas, sendo o mais denso dos corpos formados por compostos físico-químicos e não é eterno.

26 É o fio condutor que interliga todos os sete corpos.

27 O divino interior e etéreo, corpos mais próximos a Deus, no conjunto de crenças espiritualistas.

DESDOBRAMENTO MÚLTIPLO COM OS QUATRO CORPOS E SEUS ATRIBUTOS

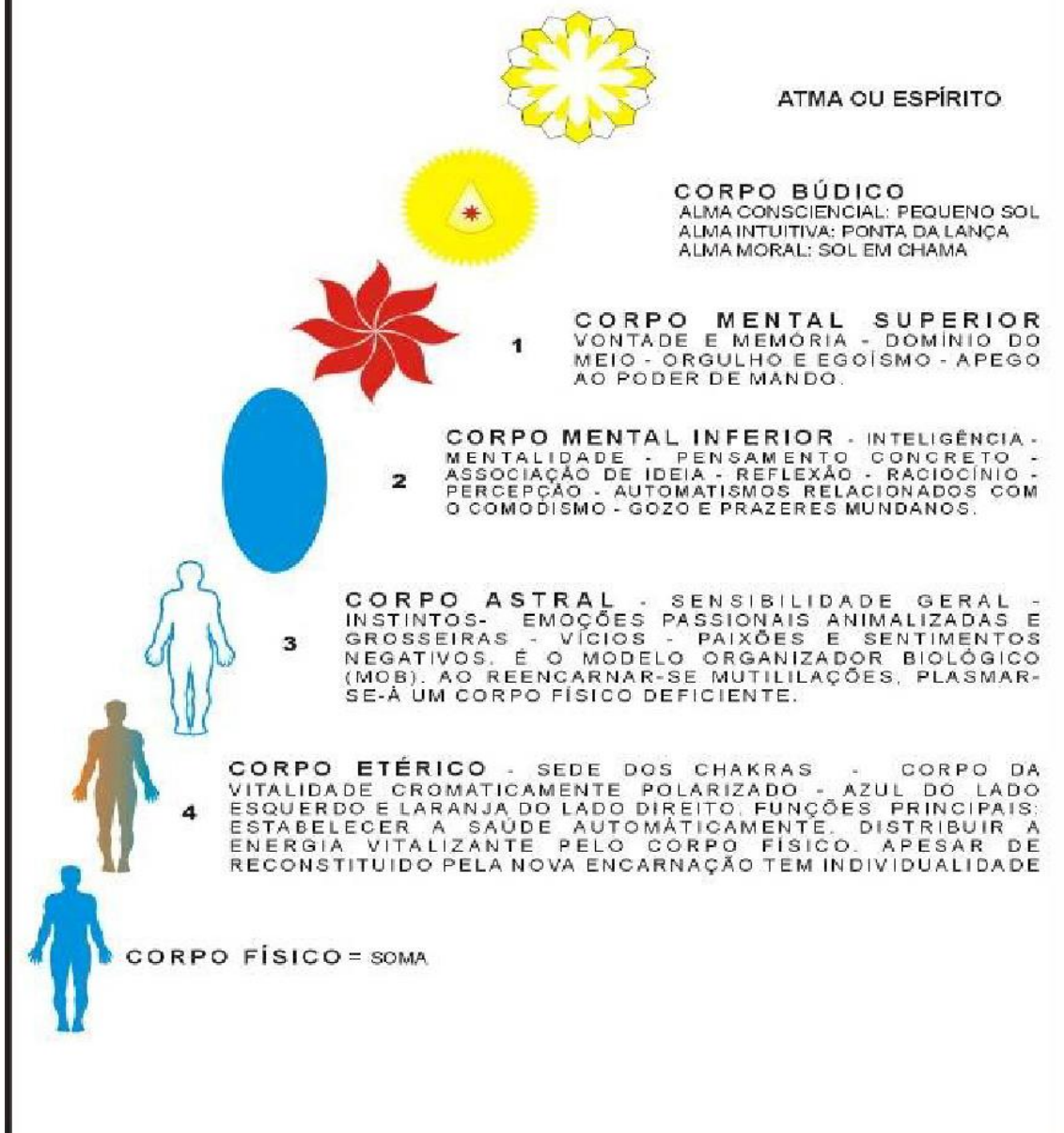


Figura 3. Corpos Sutis

Fonte: GODINHO,2007

Assim como as vibrações, os planos da criação são divididos em sete²⁸: o primeiro plano é o dos minérios, cristais e do solo. É a força densa do planeta terra. O segundo plano interliga o primeiro ao terceiro, pois é o plano do vegetal; o terceiro plano é a realidade habitada por humanos encarnados; o quarto plano é o nível da ancestralidade; o quinto plano é o nível das entidades, guias, etc; o sexto plano é o das leis físicas que regem o universo; e o sétimo plano é o da forma da criação suprema.

Os corpos, os planos e os chakras estão todos interligados. Os chakras são pontos de energias situados no duplo etéreo, responsáveis pela manutenção e revitalização dos corpos. Algumas literaturas espiritualistas afirmam a existência de centenas de chakras, mas há sete principais: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, gástrico, esplênico e básico.

Cada parte do espírito tem a sua correspondente no corpo e o acoplamento de ambas pressupõe o encaixe em estruturas denominadas de plexos, ou chacras – partes do corpo humano nas quais estão presentes o agrupamento de nervos, veias e artérias. De todos os plexos existentes no corpo, sete são destacados pelos adeptos da doutrina espírita como sendo “centros de força” nos quais se concentra a energia daquela região corporal em particular, são eles: coronário (localizado no alto da cabeça), frontal (localizado na testa, corresponde à glândula hipófise ou pituitária), laríngeo (localizado na garganta, corresponde às glândulas da tireoide e paratireoides), cardíaco (localizado no coração), esplênico (localizado no baço), gástrico (localizado no estômago), genésico (plexo sexual ou hipogástrico) (LEITE, 2014, p. 126).

Em termos de sutileza e densidade, os chakras coronário, frontal e laríngeo são mais sutis e os chakras cardíaco, gástrico, esplênico e básico são mais densos.

28 Essa divisão é proposta por Vianna Stibal, fundadora da técnica ThetaHealing. A instrutora Maíra também é formada nessa técnica, por isso tais termos foram usados durante o meu curso de educação mediúnica.

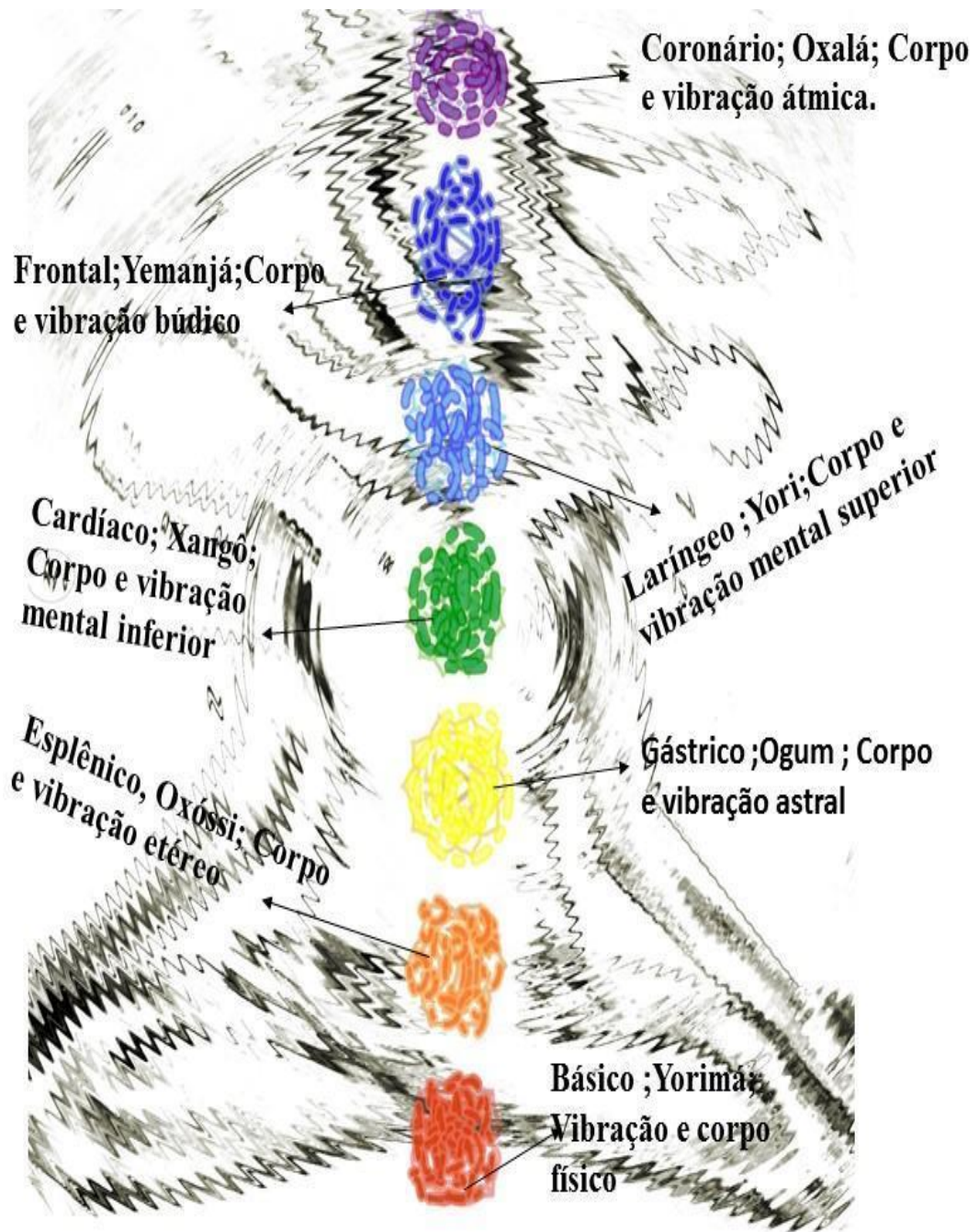


Figura 3: Chakras

Fonte: Elaboração própria.

O que tudo isso tem a ver com a mediunidade de parceria, o autoconhecimento e com o meu processo de cura?

A resposta é mais simples do se imagina: conheça a ti mesmo e conhecerá o Universo e as deusas. Tanto os fenômenos anímicos quanto os mediúnicos acontecem por causa da sincronia entres corpos, planos e vibrações, pois tudo está interligado. Tal como os órgãos do corpo humano funcionam em conjunto, a mediunidade necessita desse sistema para acontecer.

Na Fonte de Luz, para os trabalhos mediúnicos, as entidades se acoplam no medianeiro pelos chakras laríngeo, frontal e coronário. Como esses chakras correspondem ao planos e vibrações mais sutis, a mediunidade manifesta-se de forma mais sutil e consciente, como a dança que mencionei no capítulo anterior. Ao estarmos cientes de todo o processo, a responsabilidade dos acontecimentos do trabalho mediúnico é do médium. Além disso, a autonomia se ganha ao conhecer como funcionam as habilidades parapsíquicas em conjunto com a espiritualidade.

Por falar em entidades, cada uma delas age pelas falanges (agrupamentos de entidades que trabalham na mesma linha vibratória), que têm afinidades correspondentes a casa uma das sete vibrações. As falanges são também “roupagens” utilizadas para expressar características específicas. A energia das vibrações é neutra, porém existem características que diferenciam cada falange e elas são usadas, segundo os espiritualistas, pela espiritualidade para facilitar a interação entre os mundos.

As falanges principais atuantes são pretos-velhos/preta-velha, caboclos/caboclas e crianças, de modo que juntas formam a tríade de estágios da vida. Os humanos encarnados para trilharem o retorno à mônada suprema devem agir no plano físico segundo a tríade da vida:

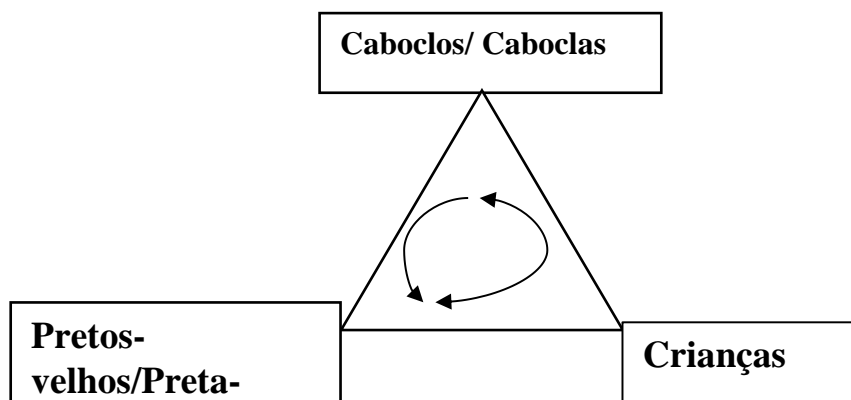


Figura 4: Estágios da Vida

Fonte: Elaboração própria

Tratam-se de virtudes bases da vontade de vida: a pureza das crianças na infância, a simplicidade dos caboclos/caboclas na juventude e a humildade dos pretos-velhos/preta-velha na velhice.

Ao seguir esses caminhos, pode-se sutalizar os corpos e adentrar um plano existencial mais sutil.

A minha trajetória de vida não foi nada fácil até aqui e penso que a de ninguém seja. Esbocei no primeiro capítulo um pequeno recorte dessa jornada e meus sentimentos em torno dos acontecimentos que descrevi. Ao longo desse tempo, fui acumulando mágoas, rancor, tristeza e frustrações, sentimentos esses que me distanciam da mônada suprema, densificando meus corpos e tornando a minha sutilização ascendente mais lenta. Ficar presa em tais sentimentos apenas torna minh'alma doente. É necessário

autoconhecimento para identificar a raiz desses sentimentos e ressignificá-los. Os problemas não vão acabar ou a tristeza não irá sumir, mas o meu olhar e a maneira como eu lidarei com as adversidades mudarão, possibilitando sutilar o viver a vida. A caminhada pode ser mais leve desde que eu esteja disposta a aprender com as minhas vivências sem ficar presa apenas ao lado negativo. Foi quando eu percebi a diversidade de entidades, vibrações e seres disposta a me ajudar nessa empreitada da vida, adquirir força interior para seguir caminhando, afastando ideias suicidas e tendo esperanças de viver com qualidade. Os rótulos e injúrias já não importam, pois eu sou o todo e o todo sou eu.

4.2. Apometria: terapeutização das consciências encarnadas e desencarnadas

Existe a diferença entre encarnado e desencarnado: encarnados são seres possuidores de corpo físico e viventes no mundo material; desencarnados passaram pelo processo da desencarnação, perdendo o corpo físico e habitando o mundo imaterial. Paes (2011) fala de consciência, a luz de Pestalozzi, como convicção do ideal inato à alma de discernir sobre a dualidade (bem e mal) e as ações consequentes. Tanto encarnados quando desencarnados possuem consciências, sendo assim, ao juntamos ambos conceitos temos consciências encarnadas e consciências desencarnadas. A diferença entre as duas é apenas o plano da existência que habitam.

O ser na encarnação é constituído de três corpos²⁹. Destes somente o corpo material é afetado pela morte, sendo abandonado à desintegração, os demais constituintes permanecem. A imagem da borboleta, tradicionalmente um símbolo da alma para várias culturas, que se liberta do casulo que a restringe (o corpo material, a matéria densa, relacionável ao elemento terra), abrindo suas asas e alçando voo (o espírito, o elemento

29 No espiritismo kardecista são três corpos, mas no espiritualismo são sete. O conceito de encarnação e desencarnação é igual para os dois.

leve e aéreo). O corpo tem esse caráter de peso, de gravidade, denso, limita as percepções e impede a plenitude de manifestações do espírito. (PAES, 2011, p.224)

O corpo físico não é eterno, sendo o envoltório temporário do espírito enquanto ele adquire experiências no mundo material. O corpo físico e o duplo etéreo se deterioram a cada desencarnação. Desencarnar é a ruptura de uma determinada vivência no plano material, entretanto as experiências adquiridas ficam armazenadas no mental superior. Quando precisa-se encarar mais uma experiência no mundo material, a consciência encarnada retorna ao plano físico pela reencarnação, onde um novo corpo físico e duplo etéreo são feitos. Os corpos mais sutis continuam os mesmos. Os ciclos de desencarnação e encarnação das consciências tem o objetivo de aprendizado em cada vivência até tornarem-se sutis, podendo assim retornarem à mônada suprema. Existe uma mônada em toda consciência encarnada ou desencarnada. Algumas não conseguem sutilizar-se e ficam presas no ciclo.

Nessas vivências personalidades são formadas, EUs são criados e agregados à próxima vivência. Na Fonte utiliza-se a metáfora do condomínio fechado para explicar os múltiplos. Imagine-se sendo síndico de um condômino fechado com centenas de moradores e eles pronunciam suas demandas e vontades ao mesmo tempo para o síndico. Quando a consciência está encarnada, a personalidade da vivência atual deve estar no comando do “condomínio”. Todavia existem partes que estão por algum motivo dissociadas da personalidade atual. As personalidades dissociadas são chamadas de personalidade múltipla.

Assim, podemos dizer que uma Personalidade Múltipla, em muitos aspectos, é uma “pessoa” ou uma “entidade” que manifesta e exterioriza um conjunto de qualidades ou um caráter essencial e exclusivo que a distingue de outra, com sua estrutura de hábitos adquiridos, interesses, complexos, traumas, sentimentos, aspirações e uma organização integrada e dinâmica de atributos. Uma personalidade múltipla é um elemento com poder

de decisão, autonomia de ação, conhecimentos diversos e força mental bem desenvolvida. Em muitos casos, quando age sobre a parte encarnada passa a dominar a vontade da pessoa afetada, quando não a do próprio doutrinador que tenta subjugar-las (GODINHO, 2007 p. 56).

As personalidades múltiplas estando em desequilíbrio geram desgastes na e para a parte encarnada sem ela mesmo saber. Para estabelecer o equilíbrio dessas personalidades, utiliza-se da técnica terapêutica da apometria.

A Fonte de Luz oferece apometria como um dos tratamentos para encontrarmos o caminho do meio. Eu mesma já passei algumas vezes por esse tratamento. Como há grande procura pela técnica apométrica, a fraternidade faz uma triagem indicando ou não o paciente. Eu ainda não sei quais os critérios de seleção para o tratamento ser indicado ou não, porém fui parar lá duas vezes. Meu quadro preenchia os tais critérios.

Cheguei à Fonte de Luz, como já disse antes, totalmente emaranhadas de tristeza profunda, automutilação e ideação suicida. Diante do meu quadro, fui encaminhada para o tratamento apométrico. Na primeira sessão de mesa apométrica foram identificadas duas personalidades múltiplas minhas, todas ligados ao sentimento de culpa e falta de autoperdão. Minha tristeza, ideações suicidas e automutilações estão vinculadas às crenças de que eu não merecia viver e deveria ser punida. São ações que minhas personalidades múltiplas tinham em relação à Luyana encarnada. Quando personalidades múltiplas interferem no equilíbrio da parte encarnada, chama-se auto-obsessão.

A obsessão tem seu início na influência sutil que os Espíritos desencarnados exercem sobre o homem e pode progredir até chegar à “perturbação completa do organismo e das faculdades mentais”. Os espíritas distinguem três etapas ou tipos de obsessão: 1. A obsessão simples. Através da influência espiritual sutil, o Espírito mina as forças morais da vítima até que ela se torne incapaz de reagir. 2. A fascinação. O Espírito começa a agir diretamente sobre o pensamento do homem. 3. A subjugação. Fase final do processo obsessivo, correspondendo à paralisação total da vontade do Espírito encarnado: o Espírito toma inteiramente o corpo do obsidiado e é ele inteira e unicamente o responsável pelos atos praticados. (CAVALCANTI, 2008 p. 83)

A auto-obsessão é a obsessão não causada por consciências desencarnadas, mas pelas próprias personalidades do indivíduo. Apometria é um conjunto de técnicas terapêuticas que equilibram tanto as personalidades múltiplas quanto as consciências desencarnadas (espíritos). A apometria foi criada pelo médico José Lacerda de Azevedo com base, segundo o ele, na matemática, física quântica, espiritismo e psicologia. Com a técnica apométrica localiza-se em quais corpos estão o desequilíbrio do paciente, se são distúrbios anímicos ou espirituais, etc. Ponderando a conceitualização de Cavalcanti, na Fonte não se acredita que os encarnados são vítimas e os espíritos algozes: quando uma pessoa passa por quaisquer tipos de obsessão, ela se permitiu pela sua afinidade. Por exemplo, se eu estou muito triste, minha vibração fica densa e eu atraio, por afinidade, ressonância com a minha vibração. Semelhante atrai semelhante.

A mesa apométrica, na Fonte, é onde se dispõem todos os médiuns que irão trabalhar na frequência do paciente, pois para atuar apometricamente precisa-se abrir a frequência do paciente³⁰. A mesa é composta por quatro pares de médiuns doutrinadores e incorporadores: o médium doutrinador é responsável pela conversa terapêutica com a personalidade múltipla ou a consciência desencarnada; o médium incorporador irá incorporar a personalidade múltipla ou a consciência desencarnada. Ambos jogam fluído anímico na personalidade múltipla ou consciência desencarnada para resultar-lhe o equilíbrio. Quando essa personalidade múltipla é tratada, ela é acoplada após vinte e um dias na parte encarnada. A apometria é uma técnica feita em conjunto, porém para a mesma ter eficácia é de cunho individual. Se o paciente continuar em sintonia com os

30 A frequência é tipo a identidade de cada pessoa. É o padrão de energia magnética que o paciente está sintonizado. Abrir a frequência é como ler essa identidade.

sentimentos autodestrutivos, nada irá adiante e as personalidades podem voltar a auto-obsediar.

Para a “cura” fazer sentido, tenho que conhecer onde “dói”, pois quando eu conheço minhas crenças limitantes e sentimentos destrutivos eu posso mudar a minha frequência. Estar saudável e em equilíbrio em todos os planos corpóreos é alcançar a cura. Quando o corpo físico apresenta desequilíbrios, tanto anímicos quanto espirituais, significa que uma parte de mim está em discordância com outra parte. Os vários EU’s dissociados criam padrões emocionais nocivos, conseguinte, gerando distúrbios psíquicos.

No espiritualismo acredita-se que a “doença” se inicia em alguns dos corpos sutis até se densificar no corpo físico. Por isso a cura está pelas entre linhas do autoconhecimento, ou seja, eu me conheço, sei o local da dor e então tenho autonomia para curar a mim mesma.

Penso que as ideias implícitas de cura, na Fonte de Luz, estão atreladas ao equilíbrio das ações e à troca de fluidos entre mundo material e o mundo imaterial. A mediunidade em si não é causa distúrbios, porém patologias estão associadas à falta de educação da mediunidade. Se a médium apresenta alguma doença ou perturbação perante manifestações mediúnicas, faz necessário educar-se e autoconhecer-se para entender onde está a causa do desequilíbrio. Conhecer a si mesmo e a educar a mediunidade estão imbricados na autocura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ninguém Cura Ninguém” é uma frase que ouvi em vários momentos dentro da fraternidade e sintetiza a crença da Fonte de Luz que a “cura” está dentro do ser humano e a mesma só pode ser alcançada por ele mesmo. Lembra-me muito o conceito rogeriano³¹ de tendência atualizante, que postula que todos os seres têm a capacidade inerente de movimentar e desenvolver suas potencialidades. O caminho da cura é a busca interminável por si mesmo, por entender suas questões internas e aprender com a própria experiência de vida. É prosseguir dia após dia com os próprios pés; é ter autonomia e certeza de que, independente de quaisquer acontecimentos, tenho a mim mesma. Autocurar-se é acreditar em si mesmo, confiar no meu poder interior; é amar-me, aceitar-me e compreender-me, pois o único destino que posso assumir e seguir é resultado das próprias escolhas. Em 2015, escrevi um poema com as seguintes frases:

*As celas de Alcatraz se abrem
Um passo de cada vez o prisioneiro toma posse
A autonomia de caminhar, a ousadia de ser livre
Ser soberano sobre a própria vida
Os corredores da prisão ficaram para trás
À frente está o destino na espera*

Toda a jornada para conhecer e entender a espiritualidade possibilitou conectar-me intimamente com meus EUs, escutar vozes abafadas dos ruídos de outrem.

31 Movimento teórico inspirado no/pelo psicólogo Carl Rogers. Ele foi o desenvolvedor da abordagem centrada na pessoa (ACP).

Foi olhando para o mundo ao meu redor e o modo como ele me enxergava que pude me ver como realmente sou. Sou agregado de corpos sutis, na maior parte das vezes em discordância, buscando comedimento e harmonia. A mediunidade nada mais é do que um pedacinho de mim em contato e sintonia com outros universos além do meu universo particular.

A educação mediúnica é ferramenta auxiliadora do autoconhecimento tal como a antropologia é instrumento para o autoconhecimento advindo da perspectiva de outros mundos, outros EUs e outros universos.

Com esta dissertação busquei transmitir parte da minha travessia. Mais do que um trabalho de conclusão, foi a expressão e libertação da minha voz já calada há muito tempo.

Aos que chegaram aqui, minha eterna gratidão.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, T. E; ELIAS, C; JONES, S.H. **Handbook of Autoethnography**. Walnut Creek: Routledge. 2013. Resenha de: BARROS, N. F; MOTTA, P. M. R. Autoetnografia. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 31, p. 1339-1340, 2015.
- ASEVÊDO, Adelman Soares. **Mediunidade e experiência religiosa: Trânsito entre religião e saúde mental**. 2012.71f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências da Religião, Departamento de Filosofia e Teologia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- BONETTI, Alinne. “**Intrusas bem-vindas: um olhar sobre os cruzamentos entre gênero, relações de poder e sensibilidade na pesquisa etnográfica**.” In: GROSSI, Miriam Pillar & SCHWADE, Elisete (Orgs.). *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Florianópolis: Nova Letra. 2006.
- BRITO, Lucas Gonçalves. **O véu do congá do pai Joaquim”: cosmovisão, ritual e experiência ou sobre três aspectos do conhecimento umbandista**. 2017.178f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social . Universidade Federal de Goiás.
- BRUMANA, Fernando Giobellina. MARTINEZ, Elda Evangelina González. **Marginalia Sagrada**. Tradução: Rúbia Prates Goldoni, Sérgio Molina. Campinas: UNICAMP, 1991.p.468
- CARNEIRO, C. B. L.; VEIGA, L. **O conceito de inclusão, dimensões e indicadores**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Coordenação da Política Social, jun. 2004.
- CARVALHO, J. J. **Antropologia e Esoterismo: Dois Contradiscursos da Modernidade**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n.8.1998.p. 53-71
- CAVALCANTI, Maria Laura. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. p.133
- COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. 2013. 175f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião.
- D'ANDREA, Anthony A. F. **O Self Perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: Loyola, 2000.p.127

- GAMA, F. **Tornar-se cronicamente doente: perspectivas de uma im-paciente sobre cuidados médicos.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis: 2017.p.12
- GELERNTER, CLAUDIA. **Espiritismo X Espiritualismo - doutrinas diferentes?** Disponível em:<<https://www.somostodosum.com.br/clube/artigos/autoconhecimento/espiritismo-x-espiritualismo-doutrinas-diferentes-10245.html>> Acesso em :02 jun.2018
- GERENSTADT, Helena. **Mônadas, Alma e Personalidades.** 2009 Disponível em:<<https://www.somostodosum.com.br/clube/artigos/autoconhecimento/monada-.alma-e-personalidade-20064.html>> Acesso em :25 jun.2018
- GODINHO, J.S. **Conflitos Consciências: Personalidades Múltiplas e Subpersonalidades.** Lages: Holus, 2007.p.199.
- GOLDMAN, M. **Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa.** In: *Alguns Antropologia.* Rio de Janeiro: Relume Dumará.1999.p.84-109
- GOLDMAN, Marcio. **A construção ritual da pessoa: a possessão no candomblé.** *Religião e Sociedade*, 12(1): 1985.p.22-55.
- GOLDMAN, Marcio. **A Possessão e a Construção Ritual da Pessoa no Candomblé.** 1984. 200f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- JACKSON, M.. **Paths Toward a Clearing. Radical Empiricism and Ethnographic Inquiry.** Bloomington: Indiana University Press. 1989
- JANCZURA, R. **Risco ou vulnerabilidade social?.** *Textos & Contextos.* Porto Alegre: v. 11-2, 2012. p. 301-308
- KARDEC, A. **O livro dos médiuns.** 86ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita 2009.p.350
- LEENHARDT, Maurice. (1947). **Do Kamo: lapersonne et le mythe dans le monde mélanésien.** Paris: Gallimard, 1979.
- LEITE, Emmanuelle Vieira de Melo. **Do despertar ao trabalhar: a produção do médium espírita kardecista em dois diferentes contextos etnográficos.** 2014.45 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Antropologia Social. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- LIMA, T. S.. **O Que é um Corpo?.** *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 22, n.,2002.p. 9-20

- LUHMANN, Niklas. (1984) **Sistemas sociais - Esboço de uma teoria geral**. Petrópolis: Vozes, 2016.p.576
- MALUF, S. W. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. Esboços (UFSC) , PPGHistória/UFSC Florianópolis, v. 9, 2002. p. 87-101
- MAUSS, M.(1950) **Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a de “eu”**. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify.2003.p.369-397
- MIRANDA, Hermínio C. (1994) **Diversidades dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade**. São Paulo: La Chatre. 5ªed. 2013.p 495
- NASCIMENTO, Rafael. **A diferença do corpo, o corpo da diferença**. Resenha da exposição 'Fotografia em Curso', no Museu da Imagem e do Som de Campinas. PROA: Revista de Antropologia e Arte, v. 1, p. 1, 2014.
- PAES, Anselmo do Amaral. **O corpo da alma: cosmos, casa e corpo espírita kardecista**.2011.297f.Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
- PEIRANO, Mariza. **Etnografia ou a teoria vivida**. Revista Ponto Urbe, 2(2). 2008. p. 1-10
- PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Ângelo Inácio. **Aruanda: magia negra, elementais, pretos-velhos e caboclos sob a ótica espírita**. Contagem: Casa dos Espíritos, 2004.p.279
- SANTOS, Matheus Alves Santosa. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. In: Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241
- SILVA, W. W. da Matta. 1961. **Lições de umbanda (e quimbanda) na palavra de um “preto-velho”** / São Paulo : Ícone 9.2014.p.184.
- SILVA, W. W. da Matta. **Umbanda e o Poder da Mediunidade ou Leis da Magia**. São Paulo. 1964. p.138.
- SOARES, Bianca Arruda . **Os candomblés de Belmonte: variação e convenção no Sul da Bahia**. 2014. 210f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Rio de Janeiro: Museu Nacional
- SPINK, M.J.P. **Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais**. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs.

- Psicologia social e personalidade [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: ABRAPSO, 2011, p.22.
- STOLL, Sandra J. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.p.300
- STRATHERN, Andrew, **Universals and Particulars: Some Current Contests in Anthropology**, Ethos 23 (2). 1995.p.173-186.
- TADVALD, M. **Corpo e possessão na teodiceia racionalista do espiritismo**. Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre, ano 9, n.9, set. 2007.p.117-139
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. **O corpo na teoria antropológica**. Revista de Comunicação e Linguagens: Corpo, técnica, subjetividades, Lisboa. n. 33, 49-66p. jul. 2004.
- VILAÇA, Aparecida.**O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia**. RBCS Vol. 15 nº 44.2000.p.56-72.
- VIVEIROS DE CASTRO. **Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio**. In: Mana. 2(2): 115-144. 1996.